



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO EM LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

FLÁVIA GELVANA BRANDÃO DOS SANTOS

**O USO DOS CONTOS DE FADAS ADAPTADOS COMO ESTRATÉGIA
METODOLOGICA PARA INCLUSÃO ESCOLAR: Concepção dos
professores de dois Centros de Educação Infantil de Itaituba – PA**

FLÁVIA GELVANA BRANDÃO DOS SANTOS

**O USO DOS CONTOS DE FADAS ADAPTADOS COMO ESTRATÉGIA
METODOLOGICA PARA INCLUSÃO ESCOLAR: Concepção dos
professores de dois Centros de Educação Infantil de Itaituba – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Esp. Maria Danielle Lobato
Paes

Itaituba – PA

2017

FLÁVIA GELVANA BRANDÃO DOS SANTOS

**O USO DOS CONTOS DE FADAS ADAPTADOS COMO ESTRATÉGIA
METODOLOGICA PARA INCLUSÃO ESCOLAR: Concepção dos
professores de dois Centros de Educação Infantil de Itaituba – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Esp. Maria Danielle Lobato
Paes

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a Mara Aparecida Pereira do Nascimento, Especialista.

Orientadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Maria Danielle Lobato Paes, Especialista.

Avaliadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Lúcia Maria da Costa Cruz, Especialista.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 25 de março de 2017.

A minha família, e principalmente minha mãe por mim incentivar a cada dia a não desistir, e a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades, também dedico esse trabalho ao meu irmão Henrique Brandão, que infelizmente não teve a oportunidade de fazer parte deste momento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde e forças nos momentos em que mais precisei para concluir este trabalho.

A minha família, pois nos últimos anos sofremos a perda de um irmão, onde passamos por momentos de grandes dificuldades. Agradeço a minha mãe Darciana Brandão por ser tão forte nos momentos difíceis e por sempre acreditar na minha capacidade de ir mais além.

Agradeço as minhas amigas da faculdade que passaram esses quatro anos comigo, Dielle, Givaneusa, Leidiane, Mirivan, Carlinda, Soraya e Valdenize, por fazerem maravilhosos trabalhos em grupos, sempre com respeito e tolerância a cima de tudo. Dedico também todo esse trabalho ao meu namorado Ricardo Froés que foi meu companheiro amigo fiel e incentivador de todas as minhas conquistas.

Agradeço a minha orientadora Maria Danielle Lobato Paes, a qual teve grande importância no direcionamento da construção desta monografia. Obrigado pela imensa paciência e pelas palavras motivadoras, por fazer acreditar na minha capacidade.

A Faculdade de Itaituba-FAI, por ter o privilégio de troca de experiências e conhecimentos junto aos docentes da instituição. Por oferecer esse maravilhoso curso, em que eu realmente apaixonei-me de verdade.

Ler, pra mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso!

"Abramovich, 1997".

RESUMO

Esta monografia teve como objeto de estudo verificar os métodos utilizados pelos professores para falar de inclusão na Educação Infantil. A pesquisa foi realizada através de questionários aplicados a 10 docentes de dois Centros Infantis, o Centro Municipal de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho e o Centro Municipal de Educação Infantil Marcelly Ayla Ferreira Figueira “Cecezinha”. A amostragem da pesquisa foi com abordagem qualitativa e quantitativa, pois foram realizadas pesquisa através de questionário contendo duas questões fechadas e as demais subjetivas. Desse modo, o uso dos Contos de Fadas contribui imensamente para formação humana na Educação Infantil e através dos Contos Adaptados que irão auxiliar os docentes para que se trabalhe a inclusão dentro da sala de aula, para que não haja diferenças entre os alunos e assim ensinando através desses contos adaptados que os personagens não precisam ser belos ou perfeitos e que apenas precisam aprender a conviver com cada um. Os Contos de Fadas Adaptados proporcionam trazer através da leitura a realidade vivida pela sociedade, portanto, a criança terá o respeito pelo próximo, rompendo dessa forma com preconceitos e também acredita que crianças que possuam alguma deficiência vão poder se enxergar em suas histórias preferidas.

Palavras chaves: Contos de Fadas Adaptados. Literatura. Inclusão.

ABSTRACT

This monograph had as object of study to verify the methods used by the teachers to talk about inclusion in Early Childhood Education. The research was carried out through questionnaires applied to 10 teachers from two Children's Centers, the Municipal Infant Education Center Chapeuzinho Vermelho and the Municipal Center of Early Childhood Education Marcelly Ayla Ferreira Figueira "Cecezinha". The sampling of the research was with a qualitative and quantitative approach, since a questionnaire was carried out containing two closed questions and the other subjective ones. Thus, the use of Fairy Tales contributes immensely to human formation in Early Childhood Education and through the Adapted Tales that will help teachers to work inclusion within the classroom so that there is no difference between the students and thus teaching Through these adapted stories that the characters do not have to be beautiful or perfect and they just need to learn to live with each other. Adapted Fairy Tales provide for reading through the reality lived by society, therefore, the child will have the respect for the neighbor, thus breaking with prejudices and also believes that children who have a disability will be able to see themselves in their favorite stories.

Keywords: Adapted Fairy Tales. Literature. Inclusion.

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – Você trabalha com conceito de Inclusão na sala de aula com os alunos?.....	47
Gráfico 2 – Em relação aos contos de fadas eles são trabalhados ou já foram aplicados como metodologia no contexto escolar?.....	49

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Centro de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho.....	42
Figura 2 – Centro de Educação Infantil Marcelly Ayla Ferreira Figueira “Cecezinha”	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – De que forma é trabalhado esse conceito?.....	48
Tabela 2 – Em relação aos contos de fadas eles são trabalhados ou já foram aplicados como metodologia no contexto escolar?.....	50
Tabela 3 – Qual sua concepção em relação à adaptação descontos de fadas na qual os personagens principais possuem algum tipo de deficiência?.....	51
Tabela 4 – No seu ponto de vista qual o papel da leitura dos contos de fadas para a criança no que diz respeito a compreensão de mundo com o qual ela precisa aprender a lidar.....	53
Tabela 5 – Qual sua opinião acerca do incentivo ao hábito de ler?.....	54
Tabela 6 – Que métodos são utilizados para se trabalhar o incentivo à leitura?.....	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA.....	14
1.1 A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS.....	14
1.2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA INFÂNCIA.....	17
1.3 A SIMBOLOGIA DOS CONTOS DE FADAS.....	20
1.4 A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA.....	23
2 A INCLUSÃO E OS CONTOS DE FADAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL..	28
2.1 BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	28
2.2 A ESCOLA E A INCLUSÃO.....	31
2.3 CONTOS DE FADAS E INCLUSÃO.....	36
2.4 OS DESAFIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR.....	38
3 O USO DOS CONTOS DE FADAS ADAPTADOS COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA INCLUSÃO ESCOLAR: Concepção dos professores de dois Centros de Educação Infantil de Itaituba – PA.....	42
3.1 LÓCUS DA PESQUISA.....	42
3.1.1 Centro Municipal De Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho.....	42
3.1.2 Centro Municipal De Educação Infantil Marcelly Ayla Ferreira Figueira “Cecezinha”	43
3.2 METODOLOGIA.....	44
3.2.1 Abordagem da pesquisa.....	44
3.2.2 Coleta de dados.....	45
3.2.3 Participantes da Pesquisa.....	46
3.3 RESULTADO E DISCUSSÃO DA PESQUISA	46
CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICE.....	65

INTRODUÇÃO

Atualmente, observa-se que a inclusão dentro da escola é um assunto de grande relevância e vem ganhando espaço cada vez mais com intensidade em debates e discussões que explicitam a necessidade das escolas em atender as diferenças inerentes à condição humana, o que questiona-se é saber que métodos professores utilizam para falar de inclusão na Educação Infantil.

Nesse sentido sabe-se que a Infância é uma fase de grande desenvolvimento e aprendizagem por isso os limites apresentados na escola só serão completamente respeitados se a família da criança ensiná-la como agir com outras crianças e com os professores.

Dessa forma, a criança deve ser protegida contra todas as práticas que possam incentivar a discriminação. Deve ser educada num espírito de compreensão, solidariedade, tolerância, amizade, paz e fraternidade, compreendendo que a diversidade existe e como tal deve ser respeitada. Para que isso seja possível precisamos saber que metodologias estão sendo trabalhadas para ensinar a criança a respeitar umas às outras independentes de sua dificuldade, e necessidades.

Os contos de fadas é um gênero muito trabalhado na Educação infantil, pois as histórias desenvolvem as noções de respeito e educação auxiliando no preparo para a resolução de problemas na vida adulta. As crianças se beneficiam muito quando têm contato com as histórias dos Contos de Fadas, principalmente se são lidas no grupo escolar, onde outras crianças estarão juntas ouvindo, sentindo e vivenciando todas as relações que são relatadas por um professor. Pois elas acabam percebendo em conjuntos que todos ali sentem medo, tristeza e angústia e que possuem dificuldades, enfrentando desafios e superando os conflitos.

Nesse sentido esse estudo tem como objetivo verificar a metodologia utilizada pelos professores para falar de inclusão na Educação Infantil, obteve como local de pesquisa dois Centros de Educação Infantil, Chapeuzinho Vermelho e o Centro Municipal de Educação Infantil Marcelly Ayla Ferreira Figueira “Cecezinha”, localizados no Município de Itaituba-PA. Elaborou-se uma pesquisa qualitativa e quantitativa, com um questionário contendo sete perguntas para 10 professores.

Num primeiro momento, fica evidente que os Contos de Fadas possuem uma grande importância na fase de desenvolvimento da criança, e que contribui para a formação humana da mesma. Em seguida será abordado um breve histórico da

Inclusão, e como ela deve ser trabalhada na escola e por fim uma análise dos dados com os entrevistados.

A discussão principal enfoca a necessidade de tornar o processo de inclusão, dentro de escolas regulares, algo possível para os educadores da educação infantil, tendo como ferramenta o uso dos Contos de Fadas Adaptados à realidade da criança.

1 A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

1.1 A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

Os estudos no âmbito da história são inegavelmente caracterizados pela necessidade de se reconstruir o passado. Embasado nessa vertente, antes de se abordar outros tópicos acerca da temática proposta, manifesta-se relevante conhecermos e definirmos brevemente aspectos relativos como origem e conceito dos contos de fadas.

Os contos de Fadas são obras literárias que existem desde dos primórdios, sua origem é imprecisa eram relatados por camponeses com contextos de aventura e conteúdos impróprios, por isso eram proibidos para menores.

No livro intitulado “Os sete contos de fadas” a autora Kupstas (1993) afirma que os contos eram narrativas, e não se destinavam às crianças, eram contados e ouvidos pelos povos de diferentes lugares. Nessesentido, observa-se que as narrativas ainda não eram usadas para o público infantil, uma vez que esses contos eram histórias diferentes da literatura infantil dos dias atuais.

Para Coelho (2003), o homem primitivo sentiu a necessidade de obter explicações racionais para o mundo, através do mito ele tentava raciocinar, buscando explicações para o que vinha acontecendo. Percebe-se também que na história os mitos sobre deuses, duendes e heróis pairavam na cabeça do homem, isso tudo faziam com que ele buscasse as respostas.

Por outro lado, Oliveira (2010), afirma que os contos de fadas também não se destinavam as crianças, por serem mitos difundidos por hindus, persas, gregos e judeus, mais uma vez percebe-se a preocupação do homem em busca de respostas, entrando em conflito com a natureza.

Por outro lado, segundo Souza (2005), os contos narravam às dificuldades dos homens, sentimentos, inter-relações e suas crenças no sobrenatural, essas histórias eram narradas por alguém que herdavam essa função dos antepassados, era como uma simples tradição os mais velhos contavam as histórias para suas futuras gerações, e depois os mesmos continuavam a tradição. Percebe-se que os contos há muito tempo, vem sempre contando histórias da realidade em que se vivíamos homens, seus costumes, valores, crenças tradições sempre contada por alguém mais velho.

Segundo Aries (1981:11), os contos de fadas eram construídos para o universo dos adultos, a partir do descobrimento da infância passou a ter suas adaptações para o público infantil. Dessa forma entende-se, que os contos sempre narravam histórias dos povos primitivos de suas dificuldades, suas inter-relações, seus valores, sua cultura, a religião, o canibalismo, eram histórias para o imaginário dos adultos. Gillig (1999) chama os contos de fadas de contos maravilhosos, pelo predomínio não de fadas, mas de situações maravilhosas nos contos.

Cashdan (2000) discorre que os contos de fada têm seis etapas: a travessia, a viagem ao mundo mágico; o encontro com o personagem do mal ou o obstáculo a ser vencido; a dificuldade a ser superada; a conquista (destruição do mal); e a celebração da recompensa. Conforme o autor entende-se que os personagens dados como heróis passam por diversos desafios e obstáculos ao qual caracteriza a narrativa, pois entre o bem e o mal, o bem sempre vencerá e sempre haverá um personagem herói que destruirá o mal.

Na França foi publicada no século XII a primeira coletânea de contos infantis durante o faustoso reinado de Luís XIV. A partir do século XIX, iniciaram-se os estudos da literatura folclórica e popular se destacando Charles Perrault com seu livro "Contos da mãe gansa (1697). Os contos incluídos neste livro são: A bela adormecida no bosque, A chapeuzinho vermelho, O barba azul, O gato de botas, As fadas, A gata borralheira, Henrique do tapete e o Pequeno polegar.

Charles Perrault foi um dos primeiros a escrever uma coletânea, naquela época os laços entre escola e literatura foram se desfazendo, para adquirir os livros o aluno tinha que dominar a língua escrita, cabendo a escola a desenvolver junto com o aluno essa escrita, depois disso apareceram vários outros autores que, contribuíram bastante para a literatura infantil. De acordo com Lajolo (2002), a escola tinha como papel, habilitar o aluno para poder ter contato com essas coletâneas.

Os Alemães Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), também contribuíram para a história do conto de fadas, foram conhecidos na época como Irmãos Grimm, eram filósofos e estudam mitologia germânica, passaram a estudar várias histórias medievais de origem germânica e francesa. Desde então publicaram duzentas e dez histórias para crianças e adultos, seus contos tinham como características personagens malvadas, feras, bruxas perversas, madrasta, príncipes encantados etc. Muitas dessas histórias fizeram grandes sucessos principalmente na Literatura infantil nas quais se destaca: A bela e a fera, Chapeuzinho Vermelho, Branca de neve e os sete anões e a Gata borralheira.

Os contos de fadas tiveram sua recriação também por Charles Perrault, foi um dos mais importantes escritores da Literatura infantil não só porque recriou esses contos, mas sim por ter a preocupação de apresentá-las como literatura, para as crianças. Perrault tinha uma grande atração pelos relatos maravilhosos guardados na memória do povo e se dispôs a redescobri-los. Esses contos eram escritos em forma versos dentre eles está: O gato de botas, O barba azul, As fadas, A cinderela ou A gata borralheira, Henrique do topete e o pequeno polegar.

Jean de La Fontaine era da mesma época de Charles Perrault, muito reconhecido pela corte francesa, se dedicou a resgatar as antigas historietas moralistas guardadas na memória popular, seus personagens eram animais falantes que se comportavam como humanos.

Hans Christian Andersen se destacava com seus contos folclóricos, ou inventados. Andersen era cristão e por isso tentava mostrar que a sociedade das injustiças estava na base da sociedade. Assim seus contos passavam a ser românticos para as crianças sugerindo padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que naquele momento se organizavam.

Percebe-se que através dos contos de fadas podemos saber do domínio sobre a vida que caracteriza o homem de todas as épocas, esses intelectuais fizeram história por ter recriado as histórias populares, como contos infantis para se ler a uma criança. Houve-se uma preocupação em todas essas formas de contar histórias pensando no público principal que é a criança.

Os contos de fadas, na verdade, são grandes catalisadores da imaginação e da fantasia, sem fronteiras que acaba por caracterizar a vivência da infância em toda sua extensão. São verdadeiros passaporte para o mundo infantil e para todos os processos formativos típicos da idade em questão. Tais processos era a formação da personalidade, a construção de regras e valores sociais, o desenvolvimento cognitivo, o motor e o psico-emocional.

Para Bakhtin (1929/1995), os contos de fadas quando iniciam-se, sempre conta a história de alguém que morreu e o tempo dos contos acaba sendo imaginário. Os heróis sempre enfrentam vilões, e quando esses heróis estão em perigos sempre aparece um elemento mágico, algo sobrenatural para salva-lo, estabelecendo assim sempre a paz e a harmonia na vida do herói. Fazer com que a criança conheça o mundo que as rodeia, é contando através de contos de fadas que acabam esclarecendo sobre si mesma, favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade é uma compreensão de mundo com o qual ela precisa lidar.

1.2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA INFÂNCIA

O ato de ler é um processo árduo e abrangente, entende-se que o hábito de ler é conhecer o mundo através da leitura, ter a curiosidade, estímulos e incentivadores para que esse processo exista. Segundo Moraes (1991, p. 98) a leitura sempre representou ligações com o ser humano e o mundo, o homem primitivo contou a história do mundo nas paredes das cavernas através de desenhos. No entanto, contar a história do mundo sempre foi e ainda continua sendo uma das finalidades dos livros.

A literatura é dividida em dois momentos: a lendária e a escrita. A lendária surgiu com o objetivo da necessidade das mães se comunicarem com seus filhos, desde então as mães usavam para passar, princípios e valores de gerações passadas. Foi a partir do século XVII, em que as mesmas histórias contadas pelas mães foram escritas.

No curso das últimas décadas, os psicólogos infantis recorreram a contos de fadas como poderosos veículos terapêuticos para ajudar crianças e adultos a resolver seus problemas meditando sobre os dramas nele encenados. Cada texto se torna um instrumento facilitador, permitindo aos leitores enfrentar seus medos e desembaraçar-se de sentimentos hostis e desejos danosos. Ingressando no mundo da fantasia e da imaginação, crianças e adultos garantem para si um espaço seguro em que os medos podem ser confrontados, dominados e banidos. Além disso, a verdadeira magia do conto de fadas reside em sua capacidade de extrair prazer da dor. Dando vida às figuras sombrias de nossa imaginação como bicho-papões, bruxas, canibais, ogros e gigantes, os contos de fadas podem fazer aflorar o medo, mas no fim sempre proporcionam o prazer de vê-lo vencido (TATAR, 2004 :10).

Para Coelho (2003) entende-se que a literatura foi construída a partir de textos da antiguidade quando resultaram a valorização da fantasia e imaginação. No ambiente escolar será o momento em que a criança entrará em contato com a escrita através da literatura. Trazendo a literatura para dentro da sala o professor irá dialogar com o aluno, o livro, sua cultura e a própria realidade.

Para Barbosa (2011:8) a prática de ler deveria ser frequente no âmbito escolar entende-se que a função da escola é passar para seus alunos o gosto pelo aprendizado, pois a literatura remete-se a um mundo fantástico, que transforma o ambiente em um lugar “inimaginável”, instigando a curiosidade dos pequenos leitores.

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas, livros curtos, poemas sonoros e outros mais, é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias e escutar é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 1995:121).

A escola é uma das incentivadoras da leitura, mesmo que pública e com poucas ferramentas para se trabalhar, os contos de fadas tornaram-se a chave para a literatura, as crianças gostam da leitura pelo fato de gostar das histórias contadas pelos pais antes de dormir, por mostrar que o bem sempre vence, por se surpreenderem com toda a magia de fadas e bruxas, animais que falam, princesas perfeitas, castelo, florestas, músicas e isso faz com que a criança sinta prazer pela leitura e principalmente quando elas veem as imagens nos livros, fazendo com que contribua ainda mais para a imaginação da criança.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (RODRIGUES, 2005: 4).

O surgimento da infância fez com que a escrita fosse destinada a esse público infantil, percebeu-se que na antiguidade as crianças eram tratadas como um adulto em miniatura, ou seja, sem infância. De acordo com Góes (1991) a literatura infantil tem funções amplas como:

A leitura reflexiva, a aquisição do vocabulário, a aquisição de conceitos. Assim como as preferências, o gosto pela leitura e a escolha de valores são adquiridos através da literatura. O ideal da literatura é deleitar, entreter, instruir e educar as crianças. (...) num aspecto estético-formativo e na educação da sensibilidade, pois reúne a beleza da palavra e a beleza das imagens (GÓES 1991: 22).

No entanto, percebe-se a importância da literatura na escola e tem a finalidade de formar indivíduo, trazendo para sala de aula através das histórias realidades que não se conhecia. A leitura de mundo das pessoas e das coisas é um instrumento através da literatura infantil, a inserção de uma criança na literatura é importante, pois ajuda principalmente na criatividade dela e também na imaginação, o livro infantil deve ajudar a criança passando uma mensagem de lição de vida. A

leitura é um processo que se constrói desde infância, e quando não acontece dentro da família, à escola passa a ser incentivadora deste processo.

Segundo Miguez (2000:28), a escola acaba sendo uma única fonte de contato da criança com o livro, diante disso os professores devem ser intermediadores e incentivadores para esse primeiro contato de livro e aluno, não deixando a desejar o prazer pela leitura.

Cabe então ao professor providenciar na sala de aula, espaço para que as crianças participem da elaboração de regras de boa convivência, para que compreendam o porquê dessas regras, isto é, para que elas servem, e principalmente, que as crianças possam através da ajuda de um adulto aprender a viver junto com os outros de modo harmônico (PEREIRA, 2013: 14).

Percebe-se que os contos de fadas acompanham a criança desde das primeiras fases de desenvolvimento nos Centros Infantis elas escutam histórias que levam para vida toda, pois qual criança que não conhece as histórias da Chapeuzinho vermelho, Cinderela, A bela e a fera, Branca de neve e os Sete anões, Joao e o pé de feijão e Rapunzel.?

A leitura de qualquer texto nos remete uma mensagem diferente, isso vale de leitor para leitor. A construção da leitura na sala de aula deve ter total atenção por parte do professor, pois o texto literário possui diversos sentidos, interpretados de várias formas.

Antigamente, no tempo de nossos pais e avós, a comunicação era feita muito mais pelo olhar do que pelas palavras. Bastava um olhar mais forte e já se sabia o que eles queriam dizer. Hoje, falta esse ingrediente na comunicação (GARCIA, *et. al.* 2003:44).

Percebe-se que é por meio da literatura que as crianças vivenciam seus sonhos de serem príncipes e princesas, em um mundo onde sua imaginação é criada para satisfazer seus desejos. Assim a literatura há amplitude, um leque de informações que nos levam a pensar, aprender e a crescer, fazendo com que a criança conheça seu próprio eu com do seu desenvolvimento.

A criança que está familiarizada com os contos de fadas percebe que estes lhe falam na linguagem dos símbolos e não da realidade cotidiana. Os contos de fadas nos transmitem desde o início, ao longo da trama e no final que aquilo que nos é narrado não são fatos tangíveis ou pessoas e lugares reais. Quanto à própria criança, os acontecimentos reais se tornam importantes pelo significado simbólico que elas lhes atribuem, ou que neles encontra (BETTELHEIM, 2007: 90).

O que de fato acontece é que a inocência da criança e sua mentalidade, não deixa perceber que as histórias que elas escutam são na linguagem dos símbolos, ou seja, que não é verdadeira, ela acaba mergulhando-se na imaginação fazendo do que não é real e dando grande significado a essa simbologia, que não condiz com a realidade em que a criança vive. É notório que a criança quando começa a ler começa a imitar os personagens e denomina-los em outras pessoas, e colocam no seu mundo real qualquer pessoa que a trate mal como bruxa, comisso podemos perceber que a criança da vida a um personagem que não existi no mundo real, mas caba associado as pessoas a eles.

Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, pois determinados se tivermos a broca, o alicate ou a chave de fenda adequados. Além disso, com essas ferramentas podemos também criar, construir e transformar os objetos e os lugares (CORSO, 2006:303).

Portanto, entende-se que a literatura Infantil abre portas para o universo da imaginação, através de atividades lúdicas com brinquedos os professores estimulam a curiosidade o imaginário da mesma, dessa forma quanto mais lúdico for trabalhado a literatura melhor será seu impacto na formação de leitores. Assim ler para uma criança é incitar o imaginário provocando perguntas fazendo com que as crianças busquem respostas despertando pequenas emoções como rir, chorar, medo raiva, tristeza quando escutam uma história.

1.3 A SIMBOLOGIA DOS CONTOS DE FADAS

A capacidade de simbolizar foi uma árdua conquista do homem, que aprendeu lentamente a fazer distinção entre o símbolo, que representa algo e que tem valor funcional, ou seja, “funciona como se fosse a coisa”, do sinal, que contendo parte ou substância concreta do ser faz parte do mundo físico (OLIVEIRA, 1989, 21).

Para Monaci (1990), a narração era de grande importância, pois incentivava a criança em busca de soluções adaptativas, seu sentimento angustia decepções, tentando estabelecer um significado para a vida.

Era comum ver nas histórias sempre as palavras, “Era uma vez”, Há muito tempo atrás ou Antigamente, ouvindo isso já surgia uma expectativa de uma bela história algo mágico e fantasioso.

Por quê? Porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que denota a fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança viveu. Porque se passam num lugar que é esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde têm que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e a achar junto uma resposta sua para o conflito... Porque todo esse processo é vivido através das fantasias, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas: bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias (ABRAMOVICH, 1995:120-121).

Percebe-se que o conto de fadas envolve um mundo maravilhoso que faz com que a criança se imagine dentro da história, pois são histórias que procuram buscar solução para algum problema, em vista disso, desperta na criança a curiosidade de saber como tal problema será resolvido, ouseja, sempre ficam na expectativa de uma fada com sua varinha mágica chegar, de um super- herói resolver o problema, para criança tudo será resolvido de alguma forma, pois elas veem nas histórias que sempre o bem vence o mal.

A importância de dar livre curso às fantasias, inclusive às de destruição, no brincar, é fundamental, pois quando estas se tornam assustadoras demais, internamente, passam a correr o risco de não poderem mais ser projetadas ou sublimadas. Quando a criança não consegue controlar suficientemente bem suas fantasias de destruição e passa a temer que as mesmas tomem conta de sua realidade (interna e externa), ela pode também passar de atitudes violentas de desafio e confronto, mas, no fundo, o que está buscando, ansiosamente, é encontrar um limite externo que a contenha e ‘salve’, dando-lhe um eixo norteador, uma circunscrição, a sensação de que mantém as coisas sob controle (OLIVEIRA, 2002: 20).

Compreende-se que os contos de fadas ensinam as crianças a enfrentarem sentimento de perda e angústia. Florestas atravessadas, os caminhos de espinhos e os perigos que o personagem passa ao longo da história, e no final conseguem vencer todos os obstáculos que lhe submetem, assim também a criança cria aquela imaginação que também vencerá seus medos, suas dificuldades que ela é capaz de vencer, pois o personagem torna-se espelho da criança. À criança entende que as histórias são irreais, mais não as aceita como falsas.

Entende-se que os contos de antigamente serviam para apontar padrões sociais para as crianças, o que as moças ingênuas queriam eram encontrar homens

perfeitos, ou seja, príncipes que possuíam castelo para que os mesmos vivessem felizes para sempre. Percebe-se também que esses contos não só se falam de amor, mais de muitas situações que vivemos no dia-a-dia, por isso se ver a importância da criança saber que os contos falam do lúdico, do mágico, mais também tratam de coisas reais.

A imitação é a fase pelo qual a criança reproduz o mundo que a cerca, nos jogos simbólicos com o faz-de-conta a representação de algo e as atuações fazem parte do cotidiano da mesma. A criança adquire regras através do jogo, o desenho é a imagem gráfica do que a criança percebe do mundo. (PIAGET e INHELDER, 2003: 53):

a) pela imitação diferida: que inicia na ausência do modelo, constituindo o início de representação e o gesto imitativo, princípio de significante diferenciado;

b) o jogo simbólico (ou jogo de ficção): imitação ou faz de conta, no qual a representação é nítida e o significante diferenciado é um gesto imitativo, acompanhado de objetos que vão se tornando simbólicos;

c) o desenho: imagem gráfica que antecede a imagem mental, é intermediário entre o jogo e a imagem mental;

d) a imagem mental: surge como imitação interiorizada, ou seja, representações mentais internas de objetos ou experiências passadas são imitações das percepções;

e) a linguagem: aspecto sonoro da imitação e da imagem mental, por meio da qual são possíveis evocações verbais de acontecimentos não atuais.

O jogo simbólico exerce função essencial na vida da criança:

Obrigada a adaptar-se, sem cessar, a um mundo social de mais velhos, cujos interesses e cujas regras lhe permanecem exteriores, e a um mundo físico que ela ainda mal compreende a criança não consegue, como nós, satisfazer as necessidades afetivas e até intelectuais do seu eu nessas adaptações, as quais, para o adulto, são mais ou menos completas, mas que permanecem para ela tanto mais inacabadas quanto mais jovem for. É, portanto, indispensável ao seu equilíbrio afetivo e intelectual que possa dispor de um setor de atividade cuja motivação não seja a adaptação ao real senão, pelo contrário, a assimilação do real ao eu (PIAGET e INHELDER, 2003:56).

Entende-se que através dos contos de fadas podemos levar a criança a ver mundos que não existem em sua imaginação dando a possibilidade da criança viver e mesmo que pouco tempo desejos tão aguçados, que só uma história cheia de magia e encantamento poderiam ser vivenciadas. Ao mesmo tempo em que elas

ouvi histórias elas identificam com algum personagem, fazendo com que seus sentimentos aflorem, pois em alguma parte da história contada ela trouxe para realidade dela.

Entende-se que uma das tarefas mais difíceis na vida de um adulto é fazer com que a criança busque o significado da sua vida, o mesmo tem dificuldades em orientar a criança a compreender sua realidade vivida. Percebe-se que os pais estão cada vez mais afastados para dialogar com seus filhos, conversare tentar explicar para criança que o mundo não é do jeito que elas imaginam. Muitos pais pensam em não ser ainda a melhor hora de fazer explicações sobre determinados assuntos, então os contos de fadas aparecem como uma principal ferramenta que possa auxilia tanto pais quanto professores na construção de busca por explicações.

Ao mesmo tempo que divertem, os contos de fadas ensinam. Não um saber institucionalizado, mas uma sabedoria de vida: eles ajudam as crianças e os adultos a perceberem o mundo e prestam-se como suportes metafóricos para uma construção simbólica desse mundo. Dessa forma, os contos de fadas podem ser considerados um rico instrumento pedagógico que, além de prazeroso, auxilia no processo de simbolização (RADINO, 2001:73:79).

No entanto entende-se que a simbologia está presente nos contos, pois ao se contar uma história a criança ela irá sentir tristezas e alegrias pois ela se coloca no lugar dos personagens as vezes com sentimentos de justiça, mas aprendendo a diferenciar o que faz bem e o que faz mal a ela. Os contos de fadas dão princípios a heróis, a felicidade, enquanto o personagem mal tem seu fim sendo castigado pelas consequências dos seus atos.

1.4 A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

No século XV a criança era vista como um adulto em miniatura, já que não havia fronteiras e diferenças entre ela e o mundo adulto transitava livremente por ele, dessa forma a participação em festas, danças e jogos era irrestrita a idade.

Segundo Ariés (2007) na Idade média as fases desenvolvimento eram bem delimitadas e precisas uma vez que se dividiam em: infância (do nascimento (até sete anos) e pueretia (até os catorze), e adolescência (dos catorze aos vinte oito anos) podendo se estender até os trinta e cinco anos) juventude (significado da força

da idade que dura até os quarenta e cinco anos ou cinquenta anos) a senectude (idade entre a juventude e a velhice)

A criança passa a ser vista e retratada na iconografia, nas pinturas e nos retratos artísticos e notadamente a infância vai sendo descoberta por volta do século XIII, mas é no século XVI e XVIII que ganha espaço na sociedade. Desde então percebe-se que durante esses períodos, há uma preocupação em relação a separação de conteúdos de crianças e de adultos isso no final do século XIX.

Sendo assim, descreve que no decorrer dos tempos à criança foi vista como ser importante, sua infância foi criando espaço através de jogos e brincadeiras, onde eram importantes meios de apreensão e de aprendizagem pelo qual acontecia a socialização na vida familiar e escolar da criança.

Entende-se que a contação de histórias é indispensável no desenvolvimento da criança, pois ajuda na formação humana, apresentando a importância das histórias como manifestação cultural. Toda criança em sua formação gosta de ser ouvida e é através dos contos que estimula-se a criatividade, imaginação, a brincadeira, a leitura, a escrita e a música o querer ouvir novamente, desenvolvendo dessa forma a oralidade da criança.

Podemos elencar diversas funções para a literatura infantil, entre elas as de informar, educar, entreter, persuadir, comunicar, e expressar uma opinião ou ideia. Também aprimora a capacidade de o indivíduo expressar-se, oralmente ou por escrito, e de relatar suas experiências, contar uma história ou simplesmente, ao chegar em casa, contar como foi o seu dia (LUCAS, 2011: 100).

Percebe-se que à medida que as crianças se desenvolvem, aprendem passo a passo e vão se descobrindo melhor, tornando-se capazes de entender os outros, propiciando uma interação satisfatória e significativa favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade. Os contos proporcionam um momento lúdico, movido de imaginação.

Para Coelho (1991) entende-se que a literatura é sem dúvida uma das expressões mais significativas que contribuem para a formação dos indivíduos se nesse universo narrativo algumas formas de literatura se destacaram diante de divulgações ao longo do tempo. Os contos não falam só de amor, mais traz consigo histórias em que as emoções dos pequenos ao escutar as histórias demonstram sentimentos de raiva, tristeza, medo, insegurança, trazendo assim uma reflexão

sobre os desafios do seu dia a dia, sendo assim a criança acaba conhecendo as características fundamentais do ser humano.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, Significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1997: 7).

Uma contribuição para formação da criança é a relação social que ela mantém fora da escola, os pais devem criar o hábito de contar histórias a seus filhos, fazendo com que a criança se interesse pela linguagem oral e escrita tornando o momento prazeroso e não obrigatório. Compreende-se que a presença dos pais no desenvolvimento de seu filho é primordial, pois traz um bem-estar, confiança e diálogos entre os mesmos.

A história de qualquer forma contribui também para esse processo de formação, pois está relacionada à educação, por levar a criança a ter curiosidade em saber o que está escrito, e a imaginar o que só ouve cada história ao final nos leva a refletir em uma lição de vida, muitas contam a própria realidade vivida. Mas para fazer a criança ir além de sua imaginação é preciso criar meios para que se contem essas histórias, sabendo se expressar em uma linguagem aonde a criança venha entender. Compartilhando dessa mesma ideia afirma que:

Todas as histórias contribuem de uma forma ou de outra para a educação, porém diferenciam-se quanto a intensidade e características. Algumas desenvolvem a imaginação, outras o senso crítico, por exemplo. O mesmo se dá com a questão de valores. É preciso destacar os aspectos éticos de cada história para poder enfatizá-los na sua adaptação e narração (DOHME 2010: 29)

É preciso que os professores façam parte dessa formação, dê forma que ao ler para seu aluno estimule sua imaginação despertando a curiosidade para saber mais e instigue de maneira prazerosa o gosto pela leitura, usando de métodos que prendam a atenção do mesmo, podendo utilizar os alunos como personagens montando teatros para que a história seja bem explorada por ambas as partes.

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções: estar harmonizadas com suas ansiedades e

aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade-e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro (BETTELHEIM, 1978: 20).

Entende-se que para a formação dessas crianças tanto a escola como os pais devem ser o apoiador dessa causa devendo trabalhar em conjunto para que a criança se sinta importante no meio desse cenário, eles são importantes nesse processo de desenvolvimentos da criança, onde a mesma passa por momentos de descobertas, no qual a história vivida pelo personagem por muitas vezes termina sendo a própria história da criança.

Os professores precisam encorajar os pais a lerem diariamente para seus filhos, de todas as idades, e aplaudirem aqueles que o fazem. Se iniciada em uma idade precoce, a leitura e a discussão de livros no cotidiano da família promove atitudes positivas em relação à leitura e melhora o desempenho escolar (CRAMER, 2001:111).

Percebeu-se que a criança interessada a aprender torna-se um leitor capaz, sendo assim a capacidade de ler estar intimamente ligada a motivação, pois poucos são os pais que motivam seus filhos. Outro ponto é ter como personagem principal nesse processo o professor cabendo a ele desempenhar um papel importante o de ensinar a criança a ler e gostar de ler.

Se, adquirindo o hábito da leitura, a criança passa a escrever melhor e a dispor de um repertório mais amplo de informações, a principal função que a literatura cumpre junto a seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais (CADEMARTORI, 1986:19-20).

Entende-se que o hábito de ler traz grandes benefícios mais essa leitura deve ser feita como prazerosa e não obrigatória, é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso de conflitos, das dificuldades, dos impasses e das soluções de forma que os contos vão esclarecendo esse mundo no qual a criança ainda não conhece.

A importância dos contos de fadas para as crianças principalmente na pré-escola procura-se verificar que atitudes estão sendo construídas e perpetuadas com vistas nos preconceitos e estereótipos em relação às pessoas com deficiência que estas histórias podem passar para as crianças.

Percebe-se que os contos podem oferecer muito mais do que o universo ficcional que demonstram, ouvindo as histórias as crianças vão construindo seu

conhecimento de linguagem e escrita, mas para que isso venha acontecer quem ler para uma criança deve ir muito além do que só ler e sim sabê-la interpretar e enterrá-lasdespertandonelas curiosidades, assim estimulará sua imaginação ajudando no seu desenvolvimento intelectual.

2 A INCLUSÃO E OS CONTOS DE FADAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

2.1 BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

A história da Educação especial começa desde cedo com a exclusão dos deficientes. Na Grécia Antiga os bebês que nasciam com má formação eram abandonados, já que as famílias desses bebês eram de classes pobres. Em Roma os bebês eram afogados, atirados ao mar ou queimados, acreditava-se que a deformidade não fazia bem para a comunidade e a família. A criança de antes eram sempre vistas como um adulto em miniatura os gregos não reconheciam a capacidade dessas crianças.

De acordo com Correa (2010), os sentimentos por pessoas com deficiência eram diversificados enquanto em alguns lugares eram mortos em outros era consideradas possuídas por demônios. Na sociedade a diversificação de sentimentos era vasta, uma mistura de piedade, compaixão, medo, perseguição, abandono e cuidados.

O cristianismo na idade média era considerado uma religião de muito respeito à sociedade vivia para essa religião, um dos pontos principais para a aceitação dos deficientes na sociedade segundo Aranha (2005) foi pregar para igreja que os deficientes eram vistos como criatura de Deus e logo não poderiam ser exterminadas.

Os deficientes eram abandonados, perseguidos e eliminados devido às suas condições atípicas, e a sociedade legitimava essas ações como sendo normais. Na era cristã, segundo Pessotti (1984), o tratamento variava segundo as concepções de caridade ou castigo predominantes na comunidade em que o deficiente estava inserido (MIRANDA, 2003: 02).

Por volta do século XVI os deficientes constituíam-se como pessoas que precisava de ajuda médica, eram tidos como doentes e incapazes de desenvolver qualquer tipo de aprendizagem, porém para a medicina essas pessoas não podiam ser curadas, já não seria a igreja católica que interferia, mas sim a medicina que ficaria encarregada, com um tratamento específico para a deficiência ao invés de exorcismos.

Para Silva (1987), discorre que na idade média qualquer pessoa que apresentasse qualquer deformidade física, tinham poucas chances de sobreviver:

Na idade média os indivíduos que apresentavam qualquer “deformidade física” tinham poucas chances de sobrevivência, tendo em vista a concepção dominante de que essas pessoas possuíam poderes especiais, oriundos dos demônios, bruxas e/ou duendes malignos. Os índios Xangga, do leste da África, não prejudicavam nem matavam as crianças ou adultos com deficiência. Acreditavam que os maus espíritos habitavam essas pessoas e nelas arquitetavam e se deliciavam para tornar possível a todos os demais membros a normalidade. Os esquimós, (território canadense), deixavam os velhos e deficientes por suas próprias orientações, em local propício e próximo dos pontos onde todos sabiam ser de área de convergência contínua e de aparecimento de ursos brancos, para serem por 18 eles devorados. Os índios Ajores, da Bolívia, devido ao nomadismo da tribo eliminavam os recém-nascidos com deficiência, ou mesmo aqueles indivíduos não desejados, velhos e deficientes eram enterrados vivos. Os antigos Hebreus, achavam que toda doença crônica ou deficiência física, ou qualquer deformação corporal simbolizava “impureza ou pecado” (SILVA, 1987:217).

As crianças ao nascer passavam por uma análise, para saber se tinham nascido com alguma deformidade e quando apresentavam essa deformidade os pais eram obrigados a abandona-los, pois para a sociedade essas crianças possuíam poderes especiais oriundos de demônios eram como se fosse amaldiçoado por bruxas ou duendes. Na idade Média nem todos os costumes eram iguais, por isso os Índios do leste da África não matavam as crianças eles acreditavam que as crianças eram possuídas por maus espíritos. Cada povo tinha suas tradições e culturas totalmente diferente em relação as crianças que nasciam com deficiência, onde abandonar ou tirar vidas era o destino das mesmas.

No século XIII surgiu na Bélgica a primeira instituição para as pessoas com necessidades especiais, era uma colônia que propunha-a um tratamento ao ar livre, alimentação adequada e exercícios, acreditava-se que iria amenizar os efeitos da deficiência.

Segundo Mazzota (1999) depois do século XVIII foi que homens e mulheres e as pessoas com deficiência começaram se mobilizar organizando medidas e propostas, como sensibilizar a sociedade em geral sobre a situação. Foram a partir dessas pessoas que se dispuseram a representar as pessoas com necessidades especiais, tendo assim uma vida social e ampliando seus conhecimentos.

No Brasil, o atendimento às pessoas com deficiência teve início na época do Império, com a criação de duas instituições: o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, atual Instituto Benjamin Constant – IBC, e o Instituto dos Surdos Mudos, em 1857, hoje denominado Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES, ambos no Rio de Janeiro. No início do século XX é fundado o Instituto Pestalozzi (1926), instituição especializada no atendimento às pessoas com deficiência mental; em 1954, é fundada a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE; e, em 1945, é criado o primeiro atendimento educacional especializado às

peças com superdotação na Sociedade Pestalozzi, por Helena Antipoff (BRASIL, 2008:02).

No Brasil a história da inclusão das pessoas com deficiências iniciou-se no século XIX, por costumes e informações vindas da Europa, o abandono de crianças com deficiência nas ruas, portas de conventos e igreja era comum, sendo devoradas até mesmo por cachorros. A primeira instituição a acolher essas crianças tinha por nome O Hospital Juliano Moreira em Salvador, Bahia, fundado em 1874, acolhendo apenas criança com deficiência mental.

Em 1930, a influência da Medicina se atrelou junto à educação a pressupostos higienista da época, orientando a população a respeito de comportamentos de higiene e saúde, nas residências e nas escolas, desde então passando a deficiência mental ser considerado um problema de saúde público. Na mesma década chegou para o Brasil a psicóloga e educadora Helena Antipoff, fundando a escola de Pestalozzi e criando os serviços de diagnóstico e classes especiais nas escolas pública.

Na metade do século XX, a aceitação de crianças foi tomando conta por institucionalização da implementação de escolas especiais mantidas pela comunidade, só que para o sistema público o número de crianças era muito maior, assim não dando conta de atender toda demanda, observou-se o crescimento das instituições de natureza filantrópicas sem fins lucrativos as APAES (Associação de pais e amigos dos excepcionais), que oferecia atendimentos para casos mais graves como a deficiência mental.

O surgimento de instituições leva a aceitar uma certa responsabilização na educação de crianças com deficiência, ao mesmo tempo, imbuída por uma ambigüidade profunda com respeito ao fenômeno das diferenças individuais que implicam limitações e deficiência (CORREIA, 1997: 69).

Em 1990, foi criada a Declaração Mundial de Educação para todos aprovada por Jomtien, da Tailândia, tinha como objetivo garantir o atendimento as necessidades básicas da aprendizagem de todas as crianças jovens e adultas. No artigo 3º a declaração fala sobre o acesso à educação e dos princípios de equidade. Especificamente em relação a esse acesso diz:

As necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiência requerem atenção especial. É preciso tomar medidas que garantam a igualdade de acesso à educação aos portadores de todo e

qualquer tipo de deficiência, como parte do sistema educativo (UNESCO, 1990: 06-07).

Percebe-se que diante de tantas lutas em busca de um espaço igualado os de todas as pessoas com deficiência travaram muitas guerras a primeira foi para sobreviver, perante a uma sociedade que os julgava como demônios de outro mundo e por isso era exterminada, a segunda luta foi por um espaço que fosse inserido e tratado iguais a todos “a inclusão”, diante mão essas conquistas não aconteceram da noite para o dia foi preciso sensibilizar a população sobre os direitos que eles também tinham.

Em (1989) as questões qualitativas foram apontadas na 9ª Assembleia da Organização Mundial da Saúde (OMS), que conceituou a Classificação Internacional de Deficiente incapacidade Desvantagens: um manual de classificação das consequências das doenças (CIDID), publicado em 1989 e estes termos são mais utilizados pelos profissionais da saúde e definidos com base no modelo médico da Classificação Internacional de doenças, como mostra as conceituações destacadas pela OMS (1989):

a) Deficiência - perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanente. Inclui-se nessas conceituações a ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive das funções mentais.

b) Incapacidade – restrição, resultante de uma deficiência, da habilidade para desempenhar uma atividade considerada normal para o ser humano.

c) Desvantagem – prejuízo para o indivíduo, resultante de uma deficiência ou uma incapacidade, que limite ou impede o desempenho de papéis de acordo com a idade, sexo, fatores sociais e culturais.

Percebe-se que a conceituação dos termos deficiente é diversa na área da Saúde conforme a Organização Mundial da Saúde classificou essa conceituação podem causar desvantagens em uma sociedade que se propõe a inclusão de pessoas com necessidades especiais, contudo não serão os termos que constituirão ações propícias ao movimento inclusivo.

2.2 A ESCOLA E A INCLUSÃO

Vivemos em uma época onde é possível ser diferente, mas não é possível viver e demonstrar as diferenças, para que se garanta igualdade de oportunidade

deveria ser proibida a utilização de práticas discriminatórias. A palavra incluir vem do termo latim “includere”, que significa compreender, abranger, envolver, conter em si, implicar, inserir. Em nenhum momento o significado da palavra diz que o ser incluído deve ser igual ou semelhante aos demais ao qual se agregou.

Em que todos os alunos se sentem respeitados e reconhecidos nas suas diferenças, ou melhor, são escolas que não são indiferentes às diferenças. Ao nos referirmos a essas escolas, estamos tratando de ambientes educacionais que se caracterizam por um ensino de qualidade, que não exclui, não categoriza os alunos em grupos arbitrariamente definidos por perfis de aproveitamento escolar e por avaliações padronizadas e que não admitem a dicotomia entre educação regular e especial. As escolas para todos são escolas inclusivas, em que todos os alunos estudam juntos, em salas de aula de ensino regular. Esses ambientes educativos desafiam as possibilidades de aprendizagem de todos os alunos e as estratégias de trabalho pedagógico são adequadas às habilidades e necessidades de todos (MANTOAN, 2000: 7-8).

Discorrendo o trecho do autor, ter uma escola que não são indiferentes as diferenças, onde cada aluno se sinta melhor no ambiente escolar, e que possam ter ensino de boa qualidade para que não se sintam excluídos, é o sonho de qualquer família que se sintam impedidos de frequentar ambientes escolares por falta de estrutura e despreparo de professores. Não categorizar os alunos em grupos separando-os por salas e sim inclui-los com todos os alunos em salas de aula regular.

Incluir não deve ser uma imposição, mas um modo de pensar, sendo que é uma possibilidade para o aperfeiçoamento escolar e par ao benefício de todos os alunos com ou sem deficiência.

Todas as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes à minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos em desvantagem ou Marginalizados [...] No contexto destas Linhas de Ação o termo “necessidades educacionais especiais” refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem (CARVALHO, 1997: 56).

A escola de hoje traz consigo metodologias diferentes considerando aspecto físico, cognitivo, afetivo e social, além das diferenças individuais de cada criança. O que é importante colocar, é que não acontece inclusão se estiver uma criança com necessidade especiais inserida na escola, e sim a escola aceitar todas as diferenças

que as crianças trazem em si, nenhuma criança é igual à outra, independente de se ter ou não alguma limitação toda criança tem sua forma específica de ser, de aprender e de socializar.

O princípio fundamental desta linha de Ação é de que as escolas devem acolher todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem-dotadas, crianças que vivem nas ruas e que trabalham crianças de minorias linguística, étnicas ou culturais e crianças e crianças de outros grupos ou zonas desfavoráveis ou marginalizadas (BRASIL, 1994:17-18).

Discorrendo a Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais proclama que as escolas comuns representam o meio mais eficaz para combater as atitudes discriminatórias. Entende-se que as escolas devem acolher as crianças com deficiência, que moram na rua e crianças de outros grupos, para que se defina seus papéis e suas possibilidades perante as inclusões, estabelecendo quais são suas condições em relação as formas de ensinar e atender cada criança e suas necessidades. Percebe-se que a inclusão não atende apenas crianças com deficiência, mas também as excluídas e discriminadas.

A escola deve ser lugar acessível a todos, onde se criem diversas experiências educacionais viáveis, explorando tudo aquilo que a criança sabe, permitindo que a mesma consiga resolver os obstáculos encontrando soluções próprias e estratégias eficazes para suas dificuldades e conflitos.

Uma escola inclusiva não prepara para a vida. Ela é a própria vida que flui devendo possibilitar, do ponto de vista político, ético e estético, o desenvolvimento da sensibilidade e da capacidade crítica e construtiva dos alunos - cidadãos que nela estão, em qualquer das etapas do fluxo escolar ou modalidade de atendimento educacional oferecido. Para tanto, precisa ser prazerosa, adaptando-se as necessidades de cada aluno, promovendo a integração dos aprendizes entre si com a cultura e demais objetos do conhecimento, oferecendo ensino aprendizagem de boa qualidade para todos, com todos para a vida (CARVALHO, 1998:35).

Entende-se que não é o aluno que deve adaptar-se à escola, mas a escola se adaptar-se ao aluno, muitas vezes as avaliações servem mais para ver quem se encaixa nos padrões de aluno ideal do que para medir o progresso de cada um, dentro de suas possibilidades. “Por esse motivo esse padrão só gera sofrimento, pois a criança tenta atender às expectativas de uma escola que não valoriza seu potencial”

Sabe-se que para se ter um bom desenvolvimento a criança precisar de um mediador principal “O professor” ele é a chave importante nesse processo de inclusão, devendo criar metodologias no qual a criança aceite e conviva com diferenças na escola, ensinar saberes e valores que cada um traz consigo, construindo desafios adequados pertinentes a cada faixa etária.

O professor é a chave do processo pedagógico e modelo a ser espelhado em diversas situações pelos alunos. Nesta dimensão, o processo de inclusão necessita de professores especializados para todos os alunos. Portanto, eles terão de voltar a estudar, a pesquisar, a refletir sobre suas práticas e a buscar metodologias inovadoras de ensino para esse fim (GÓMEZ, 1992:103-105).

Percebe-se que o professor serve de modelo para os alunos, suas atitudes e comportamentos, são imitados pelos alunos, para que esse professor (modelo) sirva de inspiração para as crianças, os mesmos devem estar refletindo suas práticas e revendo suas metodologias

Entende-se que a educação especial teve suas conquistas ao longo dos anos, e que a escola teve como dever cumprir o que manda a lei, a mesma teve que se adaptar a alunos que possuía alguma necessidade especial, tanto sua estrutura como professores capacitados, para repassar todo o processo de ensino aprendizagem de maneira com que cada aluno aprendesse igualmente os demais, ou seja, de qualquer forma essa criança tinha que ser inserida em uma sala de aula dependendo de suas limitações e capacidades. Para Werneck (1997).

Na Constituição Brasileira: o inciso III do Art. 208 da Constituição Federal fundamenta a Educação no Brasil e faz constar a obrigatoriedade de um ensino especializado para crianças portadoras de deficiência. Este é o texto: “O dever do Estado com educação será efetivado mediante a garantia de: III – Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. 2. Na lei de Diretrizes e Bases de 1996: No título III “Do direito à educação e dever de educar”, a LDB diz que o dever do Estado com a educação escolar será efetivado mediante algumas garantias. No seu artigo 4º, inciso III, a lei postula; 3. “Atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino” (WERNECK, 1997:82).

Entende-se que na visão da autora a Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e bases da educação são incentivadoras da inclusão, pois as duas leis definem que o atendimento de alunos com deficiência deve ser especializado onde da ênfase principal no ensino regular, a mesma fez um comparativo entre as duas

leis maiores, o dever do estado com a educação e atendimento especializado gratuito.

Incluir não é simplesmente levar uma criança com deficiência a frequentar o ensino regular. A inclusão é uma conquista diária para a escola, para a criança e para seus pais. Todo dia é um dia novo na inclusão (FACION, 2009:203).

A escola deve permitir o acesso e a permanência de todos no processo educacional garantindo a inclusão do que apresentam dificuldades acentuadas por sua vez acabam demonstrando outros problemas. As Diretrizes Curriculares Gerais para Educação Básica artigo 29 da resolução nº4 CNE/CEB de 13 de julho de 2010 nos parágrafos 1º e 2º diz:

Os sistemas de ensino devem matricular os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), complementar ou suplementar à escolarização, ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de AEE da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos. Os sistemas e as escolas devem criar condições para que o professor da classe comum possa explorar as potencialidades de todos os estudantes, adotando uma pedagogia dialógica, interativa, interdisciplinar e inclusiva e, na interface, o professor do AEE deve identificar habilidades e necessidades dos estudantes, organizar e orientar sobre os serviços e recursos pedagógicos e de acessibilidade para a participação e aprendizagem dos estudantes.

A lei maior que visa à inclusão é a Declaração de Salamanca é considerado um dos principais documentos mundiais para a educação especial, ela proporcionou uma oportunidade única de colocação da educação especial “para todos”, abrangendo o termo portadores de deficiência para também necessidades educacionais especiais, pelo motivo de incluir alunos com dificuldades temporárias, crianças que são reprovados, as que são vítimas de violência doméstica ou abuso sexual, que sejam forçados a trabalhar, que vivem nas ruas, ou até mesmo aquelas que moram distantes da escola. Assim, na Declaração de Salamanca, o conceito de inclusão se apresentou como um desafio para a educação, determinado que:

Para promover uma Educação Inclusiva, o sistema educacional deve assumir que as “diferenças” humanas são normais e que a aprendizagem deve se adaptar às necessidades das crianças ao invés de se adaptar a criança a condições preconcebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem (BRASIL, 1994:4).

Discorrendo percebe-se que o sistema é muito manipulador, quando discorre que a educação é gratuita para todos, mas o que acontece é que na Lei de Diretrizes e bases diz que o professor deve ser especializado para lecionar essas aulas, então “de qual forma assumir essas diferenças”, pois o suporte à escola e ao professor ainda estar muito longe de chegar ao quesito padronizado, à escola deve receber o aluno e adaptar-se a ele, mas para isso toda instituição deve ter o suporte do estado, tanto para capacitar professores quanto materiais didáticos para que se trabalhe a inclusão para todos.

2.3 CONTOS DE FADAS E INCLUSÃO

A contação de histórias vem acompanhando a criança na escola desde as series iniciais mostrando ser uma prática prazerosa, para quem conta e para quem ouve quem, ler para uma criança deve saber interpretar para a realidade no qual a criança vive. Deve se saber pronunciar e saber escolher um livro que se tenha uma significação na vida dos pequenos, além da calma e atenção em explicar cada trecho da história. Assim como evidencia Abramovich (1997):

Daí que quando se vai ler uma história – seja qual for – para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante...E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ou pronunciar o nome de um determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases e ir dando as pausas nos lugares errados, fragmentando um parágrafo porque perdeu o fôlego ou fazendo o ponto final quando aquela ideia continuava, deslizando, na página ao lado (ABRAMOVICH, 1997: 18).

Compreende-se que a criança é inserida na escola na idade de zero a três anos e de quatro a cinco anos, entende-se que a especificidade da educação infantil é atendê-las nos anos iniciais de sua formação. É fundamental a inserção dessa criança quando pequena, as mesmas não sabem ler é através da pratica do professor com a contação de histórias, que esses pequenos irão sentir o gosto pela leitura.

Por meio da leitura é que se formaram valores de forma que proporcione melhores condições de aceitação do processo de inclusão das crianças que apresentam deficiências, bem como também entender como se dar a inclusão de crianças no ensino regular, compreendendo também o mundo e a realidade que as

cerca. Essa inclusão poderá facilitar o processo de ensino-aprendizagem da criança com deficiência por meio da interação com outras crianças.

A literatura infantil e juvenil pode ser um elemento facilitador na promoção da inclusão: há um despertar que promove a identificação com os problemas físicos, sociais e emocionais dos personagens. Sensibilizado e envolvido pelo contexto da história, o leitor é instigado a atuar mais solidariamente, pois há uma quebra natural de preconceitos. (CÂNDIDO 2000:25).

Nessa perspectiva de inclusão entende-se que as escolas precisam se adequar em todos os âmbitos para atender as mais variadas formas de diversidades principalmente as crianças com deficiência. Nesse sentido a literatura vem ser um instrumento importante para se trabalhar a inclusão na escola.

Não adianta ter um “planejamento bem planejado”, se o educador não constrói uma relação de respeito e afetividade com as crianças; se ele toma as atividades previstas como momentos didáticos, formais, burocráticos; se ele apenas age/atua mas não interage/partilha da aventura que é a construção do conhecimento para o ser humano (OSTETTO, 2000:190).

Segundo o autor é nessa hora que se tem a possibilidade de trabalhar a questão da inclusão de crianças com deficiência no ensino regular. Introduzindo histórias com a intencionalidade de incluir valores na vida das crianças, desenvolvendo sentimentos de amor e respeito ao próximo proporcionando uma convivência harmônica entre os alunos.

Percebe-se que os contos de fadas fazem parte dessa inclusão, pois na educação infantil é rotineiro as crianças escutarem contos como chapeuzinho vermelho, a bela adormecida, cinderela, a bela e a fera, branca de neve e os sete anões, são contos que ao longo do tempo vem se adaptando conforme o que a sociedade vai vivendo.

Uma criança por exemplo, que, a partir das histórias de fadas, aprendeu a acreditar que o que de início parecia uma personagem repulsiva e ameaçadora pode magicamente se transformar em um amigo extremamente adjuvante, está pronta a acreditar que uma criança desconhecida que encontra e teme pode também ser transformada de uma ameaça a uma companhia agradável (BETTELHEIM, 2007: 73).

Mediante os contos de fadas, as crianças revivem situações traumáticas, podendo digeri-las melhor, com certa distância, o que lhe permite trabalhar as emoções difíceis que foram sentidas em determinado momento. O prazer da criança

pequena em ouvir histórias de fadas e bruxas tem uma origem semelhante. A criança identifica-se com os personagens, com o chapeuzinho vermelho, por exemplo, revivendo com eles emoções e sentimentos contraditórios, rebeldia aos pais e medo de punição, por exemplo. O distanciamento possibilitado pela situação de fantasia é extremamente importante para a criança trabalhar suas emoções mais fortes, da mesma forma como acontece para os adultos.

2.4 OS DESAFIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR

A Inclusão Escolar tem sido um desafio na Educação, pois tem como proposta transformar uma escola preparada para lidar com a homogeneidade dos alunos. A transformação para a escola inclusiva propõe que o sistema escolar esteja preparado para lidar com as heterogeneidades, respeitando as diferenças individuais.

Para Silva (2000) discorre que o desejo de assegurar a homogeneidade das turmas destruiu-se muitas diferenças que considerávamos valiosas e importantes, hoje, nas salas de aulas e fora delas. As identidades naturalizadas dão estabilidades ao mundo social, mas a mistura, a hibridização, a mestiçagem as desestabilizam constituindo uma estratégia provocadora, questionadora, de transgressora de toda e qualquer fixação da identidade.

A Educação Inclusiva assume um papel importante na busca de uma sociedade igualitária e do papel da escola na superação da lógica da exclusão.

A busca por uma sociedade igualitária, por um mundo em que os homens gozem de liberdade de expressão e de crenças e possam desfrutar da condição de viverem a salvo do temor e da necessidade, por um mundo em que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os seres humanos e da igualdade de seus direitos inalienáveis é o fundamento da autonomia, da justiça e da paz mundial, originou a elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que representa um movimento internacional do qual o Brasil é signatário (FACION, 2008:55).

Entende-se que a liberdade de expressão que o homem sempre busca e de seus direitos inalienáveis, no momento que uma sociedade luta por liberdade de expressão discrimina pessoas em razão de diferenças de características intelectuais, físicas, culturais, sexuais, sociais, lingüísticas, discriminando ainda aquelas pessoas que não vão as aulas porque trabalham e também aquelas que de tanto repetir desistiram de estudar.

E esse é um dos desafios fundamentais de uma educação que contribua para quebrar o encanto do desencanto, para nos livrar da resignação, para recuperar ou para construir nossa consciência em critérios de igualdade de justiça, uma sociedade na qual a proclamação da liberdade individual não questiona os direitos e a felicidade de todos. Uma sociedade em que a diferença seja uma possibilidade para a construção de nossa autonomia, não o argumento para legitimar injustas desigualdades econômicas, sociais e políticas (GENTILI, 2003:54)

Por conseguinte, a inclusão não deve ser vista como olhares diferenciados, e nem deve ser feita com má vontade como salienta Rosetto (2005).

A inclusão é um programa a ser instalado no estabelecimento de ensino a longo prazo. Não corresponde a simples transferência de alunos de uma escola especial para uma escola regular, de um professor especializado para um professor de ensino regular. O programa de inclusão vai impulsionar a escola para uma reorganização. A escola necessitará ser diversificada o suficiente para que possa maximizar as oportunidades de aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais (ROSETTO, 2005: 42).

Entende-se que a inclusão na visão do autor é um programa a longo prazo, principalmente por ter todo um estudo e uma preparação para receber essa criança, não correspondendo a uma simples transferência do aluno só maquiar que a escola esteja incluindo essas crianças

Nesse sentido deslocar o aluno que era atendido por uma professora especializada, para uma escola regular onde a mesma não está totalmente preparada para receber esse aluno, sem uma equipe de profissionais habilitada uma escola estruturada para se receber esse aluno só para que se cumpra a inclusão, é um processo totalmente errado, pois existe um grande cuidado para que essa escola atenda todas as necessidades desse aluno.

Para que as escolas sejam verdadeiramente inclusivas, ou seja, abertas à diversidade, há que se reverter o modo de pensar, e de fazer educação nas salas de aula, de planejar e de avaliar o ensino e de formar e aperfeiçoar o professor, especialmente os que atuam no ensino fundamental. Entre outras inovações, a inclusão implica também em uma outra fusão, a do ensino regular com o especial em opções alternativas/aumentativas da qualidade de ensino para os aprendizes em geral (BELISÁRIO, 2005:130).

Os desafios da Inclusão vão muito além do que professores capacitados para receber esse aluno e sim educar todas as crianças em um mesmo contexto escolar com a inclusão, as diferenças não são vistas como problemas, mas como diversidade. É acompanhar o seu desenvolvimento e certificar-se de que este estudante está absorvendo o conteúdo e que a escola está contribuindo para o seu

crescimento, não apenas na aprendizagem, mas também o preparando para a vida. Sendo assim Sasaki:

Uma sociedade inclusiva vai bem além de garantir apenas espaços adequados para todos. Ela fortalece as atitudes de aceitação das diferenças individuais e de valorização da diversidade humana e enfatiza a importância do pertencer, da convivência, da cooperação e da contribuição que todas as pessoas podem dar para construir vidas comunitárias mais justas, mais saudáveis e mais satisfatórias (SASSAKI,2010: 172).

Tem-se assim a diversidade preservada na escola encontrada na realidade social representando oportunidades para o atendimento das necessidades educacionais com ênfase nas competências, capacidades e potencialidades do educando.

Ainda que a inclusão na escola aconteça é preciso romper barreiras em relação à exclusão dentro da sala de aula e da categorização desses alunos em perfis de aproveitamentos escolar e que o professor passe a avaliar através do desenvolvimento do aluno e não por avaliações padronizadas quantitativamente. Sawaia (2001) a respeito da dialética exclusão/inclusão:

A sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Todos estão inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico (SAWAIA, 2001:08).

Percebe-se que os sistemas de ensino conhecem pouco a desigualdade e suas conseqüências sociais, não considerando muitas vezes, as situações de vulnerabilidade vivenciadas pelos alunos. Trabalhar com a diferença é compreender que o ensino, o apoio, os recursos didáticos pedagógicos, a metodologia, a proposta curricular e a avaliação da aprendizagem devem beneficiar a todos em sala de aula e não apenas a alguns, por serem categorizados como “inclusos” tornando-se assim “privilegiados”.

No âmbito da educação, a opção política pela construção de um sistema educacional inclusivo vem coroar um movimento para assegurar a todos os cidadãos, inclusive aos com necessidades educacionais especiais, a possibilidade de aprender a administrar a convivência digna e respeitosa numa sociedade complexa e diversificada (BRASIL, 2005: 23).

Para que se faça inclusão “o respeito” entre cada cidadão assegura uma convivência digna entre a sociedade, portanto a família e a escola devem ensinar as

crianças que o respeito é primordial, para que ele seja um cidadão de bem. Sendo assim trabalhar metodologias em grupos para que todos interajam uns com os outros para que assim aprendam a conviver com cada um, pois o aluno que deve ser incluído se sentira bem onde todos os aceitam sem diferenças.

O desafio é construir e pôr em prática no ambiente escolar uma pedagogia que consiga ser comum ou válida para todos os alunos da classe escolar, porém capaz de atender os alunos cujas situações pessoais e características de aprendizagem requeiram uma pedagogia diferenciada. Tudo isto sem demarcações, preconceitos ou atitudes nutridoras dos indesejados estigmas. Ao contrário pondo em andamento na comunidade escolar, uma conscientização crescente dos direitos de cada um (BEYER 2006: 76).

Entende-se que a pratica no ambiente escolar é de grande importância, o professor além de estar capacitado a receber todos os alunos independente de sua necessidade, precisa pôr em pratica uma pedagogia que consiga ser comum, capaz de atender a toda diversidade de alunos que encontrar, tudo isso sem preconceitos, sem escolhas, tornar a aula um privilégio para todos onde cada um possa participar da melhor forma. É preciso uma articulação entre os vários setores sociais e os responsáveis pela educação, a fim de definir políticas sociais e estratégias educativas, para numa atuação conjunta tentar evitar a exclusão de crianças, adolescentes e jovens, e ainda, também resgatar os alunos que por um motivo ou outro estão evadidos dos bancos escolar.

3 O USO DOS CONTOS DE FADAS ADAPTADOS COMO ESTRATÉGIA METODOLOGICA PARA INCLUSÃO ESCOLAR: Concepção dos professores de dois Centros de Educação Infantil de Itaituba – PA

3.1 LÓCUS DA PESQUISA

3.1.1 Centro Municipal de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho

A Creche Municipal de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho localiza-se na travessa Manoel Pereira de Sousa, S/N no bairro Boa Esperança, foi fundada em 1991 na gestão do Prefeito Benigno Olazar Regis, com atividades voltadas ao cuidar das crianças de forma que as mesmas tivessem um atendimento de acordo com as suas necessidades físicas, mentais e intelectuais, tais como: banho, alimentação, atividade motora, lúdica, lazer, dentre outras. A parte pedagógica não era vista como prioridade, pois o principal objetivo das creches era cuidar, complementando a ação da família e da comunidade.



Figura 1 – Fachada do Centro de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho Fonte: Brandão (2017)

Nos anos de 1991 a 2007, as instituições de ensino denominadas hoje de Centros de Educação Infantil, eram chamadas de Creche e tinha função de Assistencialista, atendendo crianças de 03 a 04 anos em um período integral, ou seja, das 7 às 14 horas. Partindo deste princípio, o Centro Municipal de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho, iniciou suas atividades como Centro no ano de 2008, na gestão do prefeito Roselito Soares da Silva até então a mesma funcionava como Creche.

O centro atende em dois turnos: manhã e tarde com as seguintes turmas: 02 Maternal, 03 de Jardim I e 03 de Jardim II, totalizando 162 crianças com a faixa etária de 03 a 05 anos e dispõe hoje de 18(dezoito) funcionários, sendo 03 vigias, 02 auxiliares administrativos, 02 auxiliares de serviços gerais, 02 merendeiras, 07 professores regentes, 02auxiliares readaptadas e uma diretora.

A filosofia de trabalho do Centro Chapeuzinho Vermelho é “Oferecer condições para que a criança aprenda, para que ela construa seu conhecimento, e desenvolva todas as suas potencialidades num processo natural, gradativo, dentro do seu próprio ritmo e condições cognitivas e de forma prazerosa”.

3.1.2 Centro Municipal de Educação Infantil Marcellly Ayla Ferreira Figueira “Cecezinha”

O Centro Municipal de Educação Infantil Marcellly Ayla Ferreira Figueira “Cecezinha” foi criado pelo decreto Municipal N° 007,de 27 de Janeiro de 2016 quando o então vereador Agnaldo Cirino de Oliveira Santo (Dadinho) entra com um requerimento solicitando a nomeação da Creche Infantil no para atender a demanda do bairro na câmara de vereadores no ano de 2015, com a maioria dos votos aprovou-se a implantação do Centro onde fica localizado no Bairro da Liberdade na 8° rua S/N.O nome do Centro levou esse nome em homenagem a filha de um vereador Diomar Figueira o mesmo ficou lisonjeado com a atitude dos colegas parlamentares e agradecido por todos que aprovaram .



Figura 2 – Fachada do Centro Municipal de Educação Infantil MarcelllyAyla Ferreira Figueira “Cecezinha” Fonte: Brandão (2017)

O centro é dividido em 7 turmas de maternas (3 anos), 5 turmas de Jardim I (4 anos) e 5 turmas de Jardim II (5 anos), atendendo inicialmente 284 alunos em dois turnos

3.2 METODOLOGIA

A pesquisa é uma atividade que possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Trata-se de investigar, levantar dados, realizar diagnósticos, sintetizar estes dados visando uma análise rigorosa que contribua na elaboração da ciência, que se torna um processo de descobertas.

Nesse sentido Gil (2007, p.17), pesquisa é definida como o,

Procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Com base nas teorias de Gil (2007), pode-se afirmar que o método adotado para execução desta pesquisa desenvolveu-se a partir de um estudo bibliográfico aprofundado de uma pesquisa de campo desenvolvida de forma qualitativa por meio de questionários abertos e fechados.

3.2.1 Abordagens da pesquisa

Para melhor aprimoramento desta pesquisa foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico com finalidade de verificar dados e ter uma melhor compreensão da problemática com o objetivo de verificar os métodos utilizados pelos professores para falar de inclusão na educação infantil.

A amostragem utilizada foi pesquisa de forma qualitativa e quantitativa, pois foram realizadas pesquisa através de questionário contendo duas questões fechadas e seis abertas, segundo Gil (2002, p.145) “os indivíduos são selecionados com bases em certas características tidas como relevantes pelos pesquisadores e participante”.

Marconi e Lakatos (1992) a pesquisa de campo é uma forma de levantar dados do próprio local onde ocorreram os fenômenos, através da observação direta,

entrevistas e medidas de opinião. As mesmas autoras falam ainda, que a tal da pesquisa “trata se de levantamento de toda bibliografia já publicada, em formato de livros, revistas, publicações avulsas e impressa escrita”. Afirmam as autoras à intenção dessa pesquisa é propor o pesquisador a frente de tudo que já foi escrito sobre apontado tema.

3.2.2 Coleta dos dados

O instrumento de coleta de dados utilizados para a pesquisa forma-se em questionário, composto de sete perguntas, sendo abertas e fechadas. E foi realizada no mês de fevereiro de 2017.

No sentido de verificar os métodos utilizados pelos professores para falar de inclusão na Educação Infantil realizou-se uma pesquisa qualitativa e qualitativa, onde Fonseca (2002) esclarece que:

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa (FONSECA, 2002, p.20).

Portanto, a pesquisa quantitativa apresenta diferenças com pontos fracos e fortes, onde os elementos fortes de um complementam as fraquezas do outro, fundamentais ao maior desenvolvimento da ciência.

Segundo Minayo (1995) a respeito de pesquisa qualitativa:

As pesquisas qualitativas respondem a questões muito particulares. Ela se preocupa na ciência social, com um nível de realidade, que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha, com o universo de significados motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis (MINAYO, 1995:21-22).

Nesse sentido percebe-se que a pesquisa qualitativa desse estudo envolveu a obtenção de dados com as entrevistas realizadas. Esses dados foram obtidos em contato direto do pesquisador na situação direta da pesquisa

3.2.3 Participantes da pesquisa

Em análise dos questionários aplicados com 10 professores sendo 05 do Centro de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho e 05 do Centro de Educação Infantil Marcelly Ayla Ferreira Figueira “Cecezinha”. Observou-se que dos entrevistados 10 são totalmente do sexo feminino. Nota-se ainda que 60% das entrevistadas se encontram entre 37 e 42 anos de idade, e 40% adentrem 26 e 30 anos de idade, identificou-se que 30% são graduados e 70% além de graduados fizeram uma pós-graduação.

Em relação a formação acadêmica, o quadro docente da escola “A” apresenta formação em Pedagogia 100%, e na escola “B” 100%. Porém os que 70% que fizeram pós-graduação 60% em Psicopedagogia, 30% em Orientação e 10% em Supervisão Escolar das duas escolas. Tempo na docência 4 professores disseram ter entre 5 até 7 anos de docência e os 6 professores disseram ter de 6 a 17 anos de docência.

3.3 RESULTADO E DISCUSSÃO DA PESQUISA

Trabalhar a inclusão na escola é de grande importância, principalmente na sala regular onde a criança com necessidades especiais irá conviver com os demais alunos que não notarão algo diferente na outra criança. Para que tal fato, não constrange a criança e o professor deve trabalhar metodologias para falar de inclusão na sala de aula. Em cima dessa vertente foram elaboradas um questionário contendo sete perguntas direcionadas aos professores.

Quando perguntado: você trabalha com conceito de inclusão na sala de aula? Os dez professores dos dois Centros responderam que sim, que trabalham o conceito de inclusão com as crianças, como demonstra o gráfico abaixo.



Gráfico 1 – Você trabalha com o conceito de inclusão na sala de aula com os alunos? Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Percebe-se que todos os professores entrevistados trabalham com o conceito de inclusão na sala de aula, por vias das dúvidas todos estão antenados a aceitar que cada criança respeite cada um sem discriminação. Morin (2000) salienta que aprender a conviver com as diferenças com as mudanças com o que se está além das imagens; uma maneira de apostar no outro e de trilhar um caminho que é sem imagem, porque “caminhante, não há caminho, o caminho se faz com o caminhar”.

Falar sobre a inclusão para crianças da Educação Infantil é ensinar a conviver com as diversidades que irão encontrar não só na sala de aula, mas também na sociedade que as cerca.

A escola prepara o futuro e, de certo que, se as crianças aprendem a valorizar e a conviver com as diferenças nas salas de aulas, serão adultos bem diferentes de nós, que temos de nos empenhar tanto para entender e viver a experiência da inclusão! (MANTOAN, 2003-p. 91).

Entende-se que a escola prepara para o aluno para o futuro, sendo assim as crianças devem aprender a valorizar e a conviver com as diferenças na sala de aula. Diante disso os professores devem ser conhecedores de práticas que insere todas as crianças, sem exclusão.

Perguntou-se aos professores de que forma é trabalhado o conceito de Inclusão, visto que todos disseram que trabalham a inclusão na sala de aula. Assim entende-se que é de grande importância sabermos como é trabalhada a inclusão.

Tabela 1 – De que forma é trabalhado esse conceito?

ESCOLA “A”	ESCOLA “B”
P1. Textos vídeos e dinâmicas. Através de músicas.	P1. É trabalhado de forma lúdica principalmente dinâmica no qual as crianças se interagem em grupos.
P2. Com os alunos de 03 a 05 anos, no princípio da inclusão parte do trabalho feito apoiado nos valores trabalhados onde primordialmente trabalhamos o respeito mútuo, o respeito e as diferenças.	P2. Trabalhado em rodas de conversas, onde são ensinadas palavras de respeito ao próximo.
P3. É trabalhado através de contação de histórias infantis, fantoches, peças teatrais, textos orais. Proporcionando a educação inclusiva que acolhe todas as pessoas sem exceção, respeitando as diferenças e garantindo a todos o direito a educação.	P3. É trabalhado através de contação de histórias infantis, fantoches, peças teatrais, textos orais. Proporcionando a educação inclusiva que acolhe todas as pessoas sem exceção, respeitando as diferenças e garantindo a todos o direito a educação.
P4. Esse conceito é trabalhado desde a matrícula na secretária até chegar na sala de aula. Em sala trabalha-se a inclusão em conversas formais e informais, visto que na escola trabalha-se para que as crianças sejam simpáticas, receptivas, aceitando todos os colegas de turma. Pois a criança não nasce preconceituosa, ela aprende com os adultos! Com ensinamentos elas serão adultos mais humanos, mais juntos e mais solitários.	P4. Sempre trabalho exemplos dentro da sala, como respeitar um ao outro, explicando que não se deve chamar palavrões e nem apelidos, aos colegas, e que o respeito é o melhor exemplo de bom cidadão. Faço dinâmicas onde todos participam.
P5. Peças teatrais, músicas e brincadeiras.	P5. O conceito de inclusão é falado no momento em que citamos o respeito que as crianças devem aprender a ter um com outro. Pois é na Educação Infantil que trabalhamos a base para que a criança se torne um cidadão bem visto pela sociedade.

Observa-se que os professores usam métodos para se trabalhar a inclusão dentro da sala de aula, e para que cada criança venha respeitar cada um independente de suas necessidades e dificuldades. Trabalhar o conceito de aceitar as diversidades dentro da sala de aula não é só um dever do professor, mas também da família, que deve fazer parte deste processo, pois na sala de aula podem acontecer muitos conflitos.

Nota-se que os professores tanto da Escola “A” e “B”, trabalham esse conceito de inclusão cada um com recursos metodológicos diferenciados, através de vídeo, dinâmicas, fantoches, peças teatrais, e rodas de conversas formais e informais. Ser um professor dinâmico e que trabalhe a diversidade, contribuirá para o respeito e tolerância dentro da sala de aula.

A resposta da Professora **P4**, da escola “A”, chamou atenção pelo fato de a mesma, responder que a o conceito de inclusão é trabalhado desde a secretária onde a matrícula de um aluno com necessidades especiais significa incluir, à mesma diz também que a criança não nasce preconceituosa e sim aprende com os adultos.

Dê certa forma todo e qualquer pessoa que convive com a criança deve ensinar bons modos e ter cuidado no que fala ou faz, para que a mesma não venha imitar ou interpretar de maneira diferente.

A professora da escola “B” professora **P3**, respondeu que trabalha a inclusão através de contação de histórias através de teatros, fantoches e textos orais, ressalta-se a importância de contar histórias para as crianças e finalizando a mesma com alguma lição de vida, que são os argumentos utilizados por toda pessoa que lê para uma criança, tirando as conclusões do que ela pode ou não fazer.

Nas respostas obtidas falou-se muito sobre os valores e respeito, os professores entrevistados acreditam que o valor que a criança traz de casa é de suma importância, pois os pais se insere nesse processo, se a família prega o respeito ao próximo com certeza, o que o professor não terá dificuldade de trabalhar dentro da sala de aula com essas crianças.

Perguntou-se aos professores se os contos de fadas já são trabalhados como metodologia no contexto escolar?



Gráfico 2 – Em relação aos contos de fadas eles são trabalhados ou já foram aplicados como metodologia no contexto escolar?

Os professores da escola “A” e “B” disseram que sim, que os contos de fadas são trabalhados e já foram também aplicados como metodologia na sala de aula. Visto que os contos de fadas, é a principal ferramenta para contribuir no processo de inclusão, já que também faz com que a criança tenha o prazer pela leitura.

Nota-se que os contos de fadas é uma literatura que sempre estará presente na vida escolar dessa criança, em relação a literatura Abramovich argumenta:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 2006, p. 16).

Pode-se, assim, começar a compreender a importância da Literatura Infantil no desenvolvimento cognitivo das crianças. Utilizou-se essa imersão na literatura infantil para demonstrar, como o apoio literário auxilia para desenvolver o lado cognitivo, afetivo e social dos alunos.

Fez-se a seguinte pergunta no sentido de trabalhar os contos de fadas como metodologia de que forma os mesmos trabalham os contos de fadas.

Tabela 2 – Em relação aos contos de fadas eles são trabalhados ou já foram aplicados como metodologia no contexto escolar?

ESCOLA “A”	ESCOLA “B”
P1. Será trabalhado através de contos em vídeo e leitura.	P1. Sim sempre são trabalhados pois os contos são tão encantadores que não se deve ficar só no ouvir, e sim ser explorados com métodos.
P2. Os contos de fadas é o universo de sonho da criança o que faz com que esta seja uma das metodologias mais utilizadas.	P2. Para que a criança entenda melhor a história usa-se métodos para melhor entendimento e interação entre as crianças, sempre é trabalhado os contos de forma lúdica
P3. A escola é um espaço privilegiado para promoção dessa forma de se obter informações e fazer com que a criança sinta curiosidade em conhecer esse mundo que para ela é ainda novo.	P3. Através principalmente de imitação sempre ao terminar de ler, as crianças desejam ser personagens da história lida e assim são aplicados como metodologia.
P4. Os contos de fadas são trabalhados em forma de leitura de conhecimento cultural, dramatização para o desenvolvimento motor, de expressão corporal e comportamental. Eles não são inseridos como metodologia e sim como intercambio de leitura, dramatização e conhecimento cultural infanto-juvenil.	P4. Sempre são aplicadas metodologias, principalmente quando se trata de contos de fadas, mostrando para criança sempre a moral da história, usando métodos em que elas interagem uma com as outras.
P5. Eles são sempre trabalhados para mostrar às crianças a importância do hábito de ler, e sempre são trabalhados como metodologia.	P5. Já são bem trabalhados, pois os contos é a primeira literatura no qual a criança tem contato, dê forma diferente, onde várias metodologias são aplicadas para que a criança crie o gosto pela leitura, e tenha curiosidade.

Percebe-se que nas respostas obtidas dos professores que trabalham os contos de fadas como um método, cada um de forma diferente, a leitura que é primordial para o processo de ensino aprendizagem, a imitação, a expressão corporal e vídeo. Visto que os contos de fadas é a primeira literatura com o qual as

crianças têm contato, é que é evidente que a literatura infantil serve para reforçar os laços de desenvolvimento e descobertas da criança

Todos esses métodos fazem com que a criança tenha interesse para ler contos de fadas e conhecer esse mundo da leitura, portanto, a importância que o professor tem no desenvolvimento da criança em ter a curiosidade conhecer algo novo através de livros infantis incentivando o hábito da leitura. Nesse sentido para Bettelheim (1996), enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça a multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

A professora **P1** da escola **“B”** respondeu que os “são tão encantador que não se deve ficar só no ouvir, e sim ser explorados com métodos”. Na verdade, o professor não pode deixar o aluno se envolver e ir além do seu imaginário, pois a realidade que ele vive é totalmente diferente do que os contos tradicionais contam. Portanto, deve se ter cuidado no que diz respeito a escolhas de histórias que irão contar as crianças, pois o professor ao encerrar a história sempre tem que fazer uma breve conclusão do que se pode trazer para realidade da criança.

Levantou-se a seguinte pergunta para os professores qual a concepção dos mesmos em relação à adaptação de contos de fadas na qual os personagens principais possuem algum tipo de deficiência? Pois é preciso saber se esses professores estão acompanhando as mudanças na literatura infantil, em relação a realidade da sociedade vivida hoje.

Tabela 3 – Qual sua concepção em relação a adaptação de contos de fadas na qual os personagens principais possuem algum tipo de deficiência?

ESCOLA “A”	ESCOLA “B”
P1. Fazer uma reflexão sobre o texto explorar com os alunos e dialogar e informar para os alunos que ser diferente é normal.	P1. Essa adaptação, condiz com a realidade da criança fazendo com que ela aprenda desde muito cedo a respeitar as diferenças entre cada um e se tornando um cidadão de bem.
P2. É um recurso que adapta de acordo com a necessidade e que seu uso é eficiente porque o conto é a linguagem que a criança compreende.	P2. Na minha opinião seria justo trazer essa realidade vivida hoje para a literatura, saber o que realmente é real e imaginar as dificuldades que cada criança com necessidades especiais enfrentam é bastante interessante que se trabalhe na educação infantil
P3. Na minha concepção em relação aos contos de fadas onde os personagens têm alguma deficiência é interessante e realista, facilitando para os educadores a integração e a neutralização das diferenças assim quebrando um obstáculo entre a sociedade e os deficientes	P3. É real a criança conhecer desde de cedo história reais como a de umas crianças com necessidades especiais, ainda não trabalhei com esse novo formato.

P4. É de suma importância, pois a adaptação em contos de fadas proporciona a criança um olhar perceptível que não somos todos iguais. Que nossas diferenças fazem de nós, termos especificidades diferentes quanto ao modelo de corpo e não de oportunidades.	P4. Na verdade, contar histórias adaptadas, é falar a realidade que estamos vivendo, assim ensinar a criança o respeito com outro colega independente da sua deficiência, cor, raça e culturas diferentes é importante.
P5. Ainda não fiz essa leitura com minha turma, ainda não conheço, mas acredito que é de grande importância para que cada criança aprenda a respeitar um ao outro.	P5. Super interessante substituir as histórias que não são reais, por uma história que traz a verdadeira realidade para a criança.

Observou-se que as respostas obtidas de cada professor são relevantes pois tal importância aos contos de fadas adaptados acredita ser de grande importância, pois assim as crianças irão se habituar a realidade em que vive aprendendo a respeitar um ao outro. No ponto de vista de Alves (2003), ensinar a conviver. A vida é convivência com uma fantástica variedade de seres, humanos, velhos, adultos, crianças, das mais variadas raças, das mais variadas culturas, das mais variadas línguas, animais, plantas, estrelas. Conviver é viver bem em meio a essa diversidade. E parte dessa diversidade são as pessoas portadoras de alguma deficiência ou diferença. Elas fazem parte do nosso mundo. Elas têm direito de estar aqui.

A professora **P2** da Escola “**B**” diz: Na minha opinião seria justo trazer essa realidade vivida hoje para a literatura, saber o que realmente é real e imaginar as dificuldades que cada criança com necessidades especiais enfrentam é bastante interessante que se trabalhe na educação infantil. O que se pode esperar de uma história que se traga a realidade da sociedade, é que os olhares das crianças para as que possui alguma limitação não seja um olhar de pena, por ela não conseguir exercer alguma tarefa. Os contos de fadas inclusivos adaptados mostram que a criança que possui necessidade é vista como um super herói, que apesar de suas limitações conseguem enfrentar qualquer problema do dia-a-dia.

Notou-se que diante das respostas percebeu-se que nenhum dos entrevistados nunca leram os contos de fadas adaptados, diante disso afirmaram ser de muita importância tal adaptação.

Perguntou-se aos professores qual o papel da leitura dos contos de fadas para as crianças no que diz respeito a compreensão de mundo com o qual ela precisa aprender a lidar.

Tabela 4 – No seu ponto de vista qual o papel da leitura de contos de fadas para a criança no que diz respeito a compreensão de mundo com o qual ela precisa aprender a lidar.

ESCOLA “A”	ESCOLA “B”
P1. Acredito que é uma forma mais leve e aceitável para a criança compreender a realidade da vida e refletir conforme a sua atitude como criança	P1. O respeito é um ato que a criança deveria trazer de casa, só que a escola tem que acompanhar a criança, no momento que ela chega na escola para saber que qualidade e defeitos ela acaba trazendo de casa, assim os contos de fadas fará com que ele reflita o que realmente é o certo a se fazer.
P2. Todos os contos de fadas trazem um ensinamento e apartir de uma situação a ser trabalhada adéqua-se um conto para essa situação, sendo assim este fundamental para tal aprendido.	P2. Atraves da leitura a criança conhecerá o mundo que ainda não viu. Aprendendo a compreender o mundo.
P3. Os contos de fadas é uma das peças essenciais para o desenvolvimento: psicológico, cultural, criativo, emocional e o cognitivo da criança. É através do lúdico que a criança amplia sua imaginação e fantasia desenvolvendo sua formação.	P3. A Leitura de contos de fadas faz com que a criança imagine, faça perguntas, e tenha curiosidades e como a leitura de contos é o primeiro contato dela, é através da mesma que ela irá ter uma compreensão do bem e do mal.do certo e errado.
P4. Apesar de os contos de fadas serem fantasiosos, imaginários, ao cantar e ler os contos o professor pode trazer para a realidade do educando.	P4. Na minha opinião as crianças quando escutam os contos que são maravilhas principalmente os de princesas começam a querer ser uma princesa, desejam ser o personagem, pois esses contos são fantasiosos, o professor que passará conforme as histórias explicando como elas deveriam agir.
P5. Contar um verdadeira história a elas, sobre o que realmente se passa na sociedade, é de extrema importância pois vão aprendendo desde cedo a compreender cada dificuldade enfrentada por uma criança que tenha alguma dificuldade.	P5. Ao final de toda historia sempre trago para o presente da criança,o real significado da historia.

Percebe-se nas respostas dos entrevistados que todo o conto traz consigo alguns ensinamentos, dessa forma fazer com que a criança compreenda e aceite a realidade da vida, através de uma historia é de fato muito importante.

Notou-se também que os professores também falam da importância de ler para uma criança desde cedo pois conhecerá o mundo que as cerca. Como afirma Abramovich (2006) à criança que houve histórias desde cedo, que tem contato direto com livros e que seja estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a prontidão para a leitura. Ler para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens.

Diante do que foi respondido, compreende-se que as professoras estão cientes que os contos que a mesma conta, são fantasiosos e que todos os contos trás um ensinamento no final dele. A professora **P1** da Escola “**B**”, diz que a criança

já deve trazer de casa o ato do respeito, na verdade o que questiona-se é que a família e escola devem estar juntos, pois se a família ensina de uma forma errada, a escola acaba tendo problemas na educação dessa criança.

A professora **P3** da Escola “A” diz que “os contos de fadas é uma das peças essenciais para o desenvolvimento: psicológico, cultural, criativo, emocional e o cognitivo da criança. É através do lúdico que a criança amplia sua imaginação e fantasia”. Percebe-se que é uma literatura de grande importância na vida da criança, pois ela desenvolve várias habilidades, principalmente o hábito de ler, pois os mesmos fazem com que a criança seja curiosa em aprender a ler, mesmo que sejam imagens coloridas que a deixam fascinadas nos livros.

Nesse sentido questionou-se aos professores qual a opinião dos mesmos acerca do incentivo ao hábito de ler. Assim procura-se saber de que forma os professores incentivam as crianças a ler que métodos são utilizados.

Tabela 5 – Qual sua opinião acerca do incentivo ao hábito de ler?

ESCOLA “A”	ESCOLA “B”
P1. É de grande importância para a criança e posteriormente um adulto esclarecido e com uma visão de mundo mais atuante.	P1. Na minha opinião nós professores devemos instigar a criança a ter curiosidade, principalmente em saber o, que está escrito só assim ela mostrará interesse a leitura.
P2. O incentivo ao hábito de ler deve ser constante na educação infantil esse incentivo se faz através das histórias contadas que desperta a imaginação da criança e o prazer de conhecer novas histórias e assim o prazer de ler.	P2. Nós professores somos responsáveis em incentivar o aluno para o hábito da leitura, mas acima de tudo vejo que a criança tem que ter um incentivo a mais dos pais eles devem ler para seus filhos para que assim cada um faça parte do futuro dessa criança.
P3. Uma rotina de leitura pode assegurar o indivíduo conhecimentos e novas formas de percepções, pois somente através de hábitos diários este pode aprender sobre o desenvolvimento de tudo o que está ao seu redor e assim ficar inteirado dos acontecimentos.	P3. A criança deve ser incentivada principalmente pela família, a escola só irá contribuir ainda mais para esse processo de formação, e nós professores incentivamos bastante principalmente usando métodos para que a criança aprenda e goste de ler. Sem se sentir pressionada a aprender
P4. Este deve ser instigado desde o ventre da mãe a criança que ouve histórias lidas pela mãe este aprende a gostar de ler. Em sala de aula o professor também tem que ter esse hábito, eles são peças-chaves no incentivo à leitura.	P4. O hábito de ler, deve ser trabalhado desde cedo com a criança, de forma lúdica para que ela não sinta que deve ser obrigatório na vida dela.
P5. Incentivar a criança desde cedo ao hábito de ler, é de grande importância, pois a mesma irá descobrir um mundo mais rápido do que ela imagina.	P5. Na minha opinião, devemos ir conforme o desenvolvimento da criança, de forma lúdica nós como mediador deste processo, trabalhar de maneira em que o aluno sinta a curiosidade do que está escrito, escolher histórias que chamem a atenção dos mesmos para que assim, eles tenham o desejo de aprender a ler.

Observa-se que os professores que o hábito de ler deve ser constante e que a mesma deve ser incentivada principalmente pela família, para que depois a escola

venha fazer também o seu papel de incentivadora. O processo de desenvolvimento da criança faz com que ela descubra um mundo através da leitura, dessa forma incentivar através de metodologias para que a criança tenha o hábito de ler também é de suma importância.

Nesse sentido para Zilberman (1984), as pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas, desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. O prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e da receptividade da criança, coincide com um enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando mediada pelo elemento de procedência fantástica.

O prazer de conhecer novas histórias assim disse a professora **P2** da Escola “**A**”, pois acredita-se que as histórias contadas com bastante expressividades desperta no aluno a curiosidade. Assim diz a professora **P3** da Escola B, que a criança deve ser incentivada pela família, para que a mesma venha a se habituar com a leitura, parte do princípio de que a família sempre é um dos laços importantes na vida da criança, a família não pode cobrar do professor o porque da criança não saber ler, se ela for a primeira a não incentivá-la.

Questionou-se a seguinte pergunta aos professores: Que métodos os mesmos utilizam para se trabalhar o incentivo à leitura?

Tabela 6 – Que métodos são utilizados para se trabalhar o incentivo a leitura?

ESCOLA “A”	ESCOLA “B”
P1. Parlendas, adivinhação, poesia, trava-língua, cruzadinha, caça-palavras etc.	P1. Incentivo meus alunos sempre, principalmente usando os alunos como personagens
P2. A leitura na Educação Infantil quando feita pelo aluno e puramente imagética, mas esses momentos são prazerosos e se fazem através de contos infantis com livros ilustrados e com recursos sonoros, históricos com fantoches.	P2. Uso sempre uma narração diferente da história verdadeira quanto tem sons de animais ou de objetos, sempre tento imitar, dessa forma eles ficam admirados com a história.
P3. Existem várias maneiras de atrair a criança para leitura. Bons livros educativos, revistas com ilustrações, gibis, peças teatrais, vídeos com histórias infantis, textos orais, trabalhar com rótulos receitas, poesias, poemas, adivinhações, provérbios etc. Dependendo da criatividade do professor e o apoio da família.	P3. A leitura pode ser trabalhada de várias formas, trabalho sempre com um miniteatro, colocando cada criança para ser personagem
P4. Não diria métodos e sim práticas. As praticas utilizadas são leituras pelo professor, aluno sendo o ouvinte, visto que trabalha-se na modalidade de ensino infantil, após, estes recriam oralmente, narrando como entendeu, outras vezes dramatizando a história contada, tornando-se /incorporando o personagem.	P4. Trabalhos com fantoches colocam na mão como se fosse um personagem, as crianças ficam encantadas, e adoram escutar história.
P5. Leitura que chame a atenção de todos eles,	P5. Minha metodologia sempre é baseada nas

sempre escolhe histórias que tem personagens como de princesas e príncipes.	características das crianças da sala, sempre coloco as cadeiras em roda para que cada uma escute a história, e conforme for, trabalho perguntas sempre no final da história
---	---

Entende-se que os métodos são a melhor forma que o professor utiliza em que o aluno adquira mais conhecimentos. Observa-se que nas respostas dos professores, cada um utiliza um método diferente tais como gibis, vídeos, adivinhações, poemas, caça palavras, teatros, músicas etc. Todos esses métodos incentivam a criança ter o hábito pela leitura.

Nesse sentido para Souza (2004) o professor deve proporcionar várias atividades inovadoras, procurando conhecer os gostos de seus alunos e a partir de aí, escolher um livro ou uma história que vá ao encontro das necessidades da criança, adaptando o seu vocabulário, despertando esse educando para o gosto, deixando-o se expressar.

Todos os entrevistados responderam que utilizam vários métodos para que a criança tenha o gosto pela leitura a professora **P3** da Escola “**A**” diz que bons livros educativos, revistas com ilustrações, gibis, peças teatrais, vídeos com histórias infantis, textos orais, trabalhar com rótulos receitas, poesias, poemas, adivinhações, provérbios. Percebe-se que o professor deve ter a criatividade para atrair tal aluno, a gostar de ler, utilizar vários métodos pois a educação infantil é a base para que ele prossiga sem dificuldades.

A professora **P2** da escola “**B**”, responde que usa a narrativa para chamar a atenção, ou seja, maneira de como a mesma conta história imitando os personagens como animais, sons, e falas de cada um. Esse método acredita-se que chama bastante atenção da criança, pois entender os sons de cada animal e de ações feitas pelos personagens faz a criança se admirar e conhecer cada um dos sons.

Diante de tudo que foi estudado, os contos de fadas ainda fazem parte do mundo da criança, e que os professores não deixaram de trabalhar com esse gênero literário, porque traz inúmeros métodos para que o aplique dentro da sala de aula. As crianças de hoje, estão muito atendidas aos avanços tecnológicos, por isso vemos que o momento sala de aula, desliga a criança de um mundo tecnológico, para que se entre na magia dos livros.

Assim os contos de fadas atuais carregam histórias com o qual os professores irão trabalhar diversas formas de ler para criança e trazer toda a história para a realidade da mesma. Então podemos falar que ensinar a conviver com as

diferenças e respeitar um ao outro, tornara a criança um cidadão de bem para a sociedade, mas para que isso aconteça o mediador deste processo que é o professor deve trabalhar junto com a família.

Sabemos e temos a convicção que a metodologia usada pelo professor na sala de aula faz parte do processo educativo da criança, pois de maneira mais fácil a criança adquire conhecimentos com mais frequência. Nesse sentido o professor deve planejar aulas diversificadas, que estimulem a compreensão do aluno e ao mesmo tempo desperte interesse. Cabe destacar que as aulas sejam dinâmicas para que cada criança se comunicar conhecendo umas às outras, aprendendo a sim a conviver com todos.

CONCLUSÃO

Diante de tudo que foi relatado, analisou-se que as metodologias utilizadas para falar de inclusão na educação Infantil são diversas, pois através dos questionários observou-se métodos diferenciados que professores utilizavam.

Percebeu-se que de um modo geral os professores ainda não conheciam as coletâneas adaptadas dos contos de Fadas, onde trazem a real situação vivida pela sociedade nos dias de hoje, os quais ensinam a criança a aprender a conviver com as diversidades que irá se deparar no seu dia-a-dia. Uma literatura de fácil entendimento que prenda a atenção da criança em se tratar de algo que nunca foi readaptado para uma realidade que está diante dessa criança.

O professor não deve se preocupar apenas em ler para uma criança de qualquer maneira, e sim saber interpretá-la falando com clareza e incorporando personagens para que através da sua leitura as crianças se sintam curiosas, despertando o interesse dos alunos na leitura, o mesmo deve explicar com clareza no final da história que mensagem para sua realidade a história tenta repassar.

Hoje as escolas não podem deixar passar despercebidas as boas regras de convivência para as crianças, sabendo que vivemos em uma sociedade que discrimina de maneira fácil, algo que não consegue tolerar que não consegue aceitar. Os professores devem ensinar a cada criança o amor pelo próximo e o respeito que os mesmo devem ter, pois irão conviver com uma sala heterogênea onde todas as culturas vão se misturar, e crianças que possuem necessidades especiais tentaram ser incluídas sem que ninguém as discrimine.

Por isso a importância de se conhecer as metodologias utilizadas por professores da Educação Infantil para falar de inclusão, de que forma e que palavras utilizar para que ninguém se sinta ofendido. É importante ressaltar, que tais métodos facilitam a interação de cada criança seja através de: vídeos, rodas de conversas, histórias fantoches, peças teatrais, textos orais e etc. Qualquer ferramenta que envolva todos, deve ser trabalhada.

Assim, foi possível compreender que trabalhar a realidade do aluno é de grande importância, e que os professores devem se atentar mais para metodologias diferenciadas, e estar sempre em busca de mais conhecimentos, visto que trabalhar a inclusão nas salas regulares ainda é um grande desafio aos professores da sala regular.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione. 1995.
- ABRAMOVICH, F. **Literaturainfantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 2006.
- AGUIAR, V. T. de. **O prazer da leitura literária**. Revista de Educação CEAP, Salvador, 2000.
- ALVES, R. **Conversas sobre Educação**. Campinas: Versus, 2003.
- ARIËS, P. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Trad.DoraFlaksman. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.
- ARIËS, P. **História Social da Criança e da Família**. (D.Flaksman, trad.). São Paulo: LTC, 2007.
- ARANHA, Maria Salete Fábio. **Projeto Escola Viva**: garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - necessidades educacionais especiais dos alunos.
- BAKHTIN, M. (V. N. Volochínov) (1995). **Marxismo e filosofia da linguagem** (7a ed., M. Lahud & Y.F. Vieira, trans.). São Paulo: Hucitec. (Trabalho original publicado em 1929).
- BEYER, H. O. **Da integração escolar à educação inclusiva**: implicações pedagógicas. In: BAPTISTA, C. R. (Org.) **Inclusão e Escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BETTELEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. **Projeto EscolaViva. Visão Histórica – Alunos com necessidades educacionais especiais**, v. 2. Brasília: MEC/SEESP, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 1998.

BARBOSA, K. V. **Os contos de fadas e o desenvolvimento do imaginário infantil.** Disponível em: <http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%201/Kelly_Barbosa.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº4 13 DE JULHO 2010.** Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Básica. 2010

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília, DF, 1998.

BELISÁRIO, J. Ensaio pedagógico: construindo escolas inclusivas. Brasília: MEC, SEESP. 2005.

CASHDAN, S. **Os sete pecados capitais nos contos de fadas:** Como os contos de fadas influenciam nossas vidas. Rio de Janeiro: Campus. 2000.

COELHO, B. **Contar Histórias Uma Arte Sem Idade.** São Paulo. Ática, 1997.

COELHO, N. N. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos.** São Paulo: DCL, 2003.

CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

CARVALHO, R. E. **Temas em educação especial.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.

CRAMER, E. H. **Incentivando o amor pela leitura.** Eugene H. Cramer e Marrietta Castle; trad. Maria Cristina Monteiro. 1. Edição. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

CORRÊA, L. B. V. **A escola, a criança e a literatura infantil.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ: Departamento de Letras. 1997.

CORRÊA, M. A. M. **Educação Especial.** Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2010.

CORREIA, L. M. **Alunos com necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares.** Porto: Porto Editora, 1.ed., 1997.

COELHO, N. N. **Panorama Histórico da Literatura Infantil.** São Paulo: Ática, 1991.

CÂNDIDO, Amélia Fernandes. **Para ser: a literatura promovendo a inclusão.** Disponível em: <<http://www.sites.atiscapione.com.br/igualdade/pdfs/artigo1.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

DOHME, V D'Angelo. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CP nº 1. Brasília, 18 de Fevereiro de 2002. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf >. Acesso em: 22 dez. 2016.

_____. **Declaração de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: MEC, 1994. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> >. Acesso em: 20 jan. 2017

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDBEN 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf> >. Acesso em: 18 jan. 2017

FERREIRA, J. R. **Ética, cidadania, escola e instituição para pessoas com deficiência**. In III Congresso Ibero-Americano de Educação Especial, Foz do Iguaçu, 1998. Foz do Iguaçu, Anais... 1998.

FACION, J. R. **Inclusão escolar e suas implicações**. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. (apostila) Fortaleza: UEC, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Educação e compromisso**. Campinas: Papirus, 1988.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

Góes, L. P. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

GARCIA, Walkiria *et al.* **Baú do Professor**. Belo Horizonte: Fapi, 2003.

GILLIG, Jean-Marie. **O Conto na psicopedagogia**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GENTILI, P. **A globalização libertadora tem de se sustentar em um conjunto de valores que a educação deve formar**. Pátio Revista Pedagógica. Ano VI, nº 28, Nov 2003/jan 2004, p. 26-30.

GÓMEZ, A. P. **O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo**. In: NÓVOA, A. (org). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

KUPSTAS, M. *et al.* **Sete faces do conto de fadas**. São Paulo. Moderna, 1993.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2002.

LUCAS, M. A. O. F. et al. **Narração de Histórias: um evento de letramento**. In: CHAVES, Marta; SETOGUTI, Ruth Izumi; VOLSI, Maria Eunice França (Orgs.). *A função social da escola: das políticas públicas às práticas pedagógicas*. Maringá. EDUEM, 2011, p. 99- 120.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2000).

MAZZOTTA, M. J. da S. **Educação Especial no Brasil: histórias e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1999.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil**. 14. ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.

MIRANDA, M. de J. C. **Educação Infantil: percepção de profissionais e familiares sobre inclusão, aprendizagem e desenvolvimento da criança com deficiência**, em Maringá/Br e em Guadalajara/Es. 478 p. 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pósgraduação em Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio Paulista Filho, 2011.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, v. 5. Brasília, 2005, 24 p. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/construindo.pdf> >. Acesso em: 08 fev. 2017.

MONACI, E. M. (1990). **Mitos, contos, lendas e fábulas: fantasia versus realidade**. Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia, 2 (2), 42-54.

MORAIS, Regis de. **Sala de aula, que espaço é esse?** São Paulo: Papyrus, 1991.

OLIVEIRA, B. O., ANTUNHA, E. L. G., PÉRES-RAMOS, A. M. O., Bomtempo, E.; NOFFS, N. A. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes. 2002.

OLIVEIRA, P. S. T. de. **A construção dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças**. 62 p. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso – UNEB, Salvador, 2010.

OLIVEIRA, Patrícia Sueli Teles de. **A contribuição dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças**. Salvador, 2010.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco**. In: OSTETTO, Luciana (Orgs.) *Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios*. Campinas: Papyrus, 2000, p. 175-200.

PIAGET, J. **A Formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Tradução Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

PEREIRA, M. R. **A contribuição do educador no desenvolvimento moral da criança: o trabalho com regras em sala de aula**. Disponível em: Acesso em: 20 dez. 2016.

RADINO, Gloria. **Oralidade, um estado de escritura**. Psicol. estud. [online]. jul./dez. 2001, vol.6, no.2 [citado 16 Abril 2005], p.73-79. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722001000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 dez. 2016.

RODRIGUES, A. F. **Os contos de fadas no desenvolvimento infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, 2010.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

ROSSETO, M. C. **Falar de inclusão... falar de que sujeitos?** In: Lebedeff, T. B. Pereira. Educação especial – olhares interdisciplinares. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.

SAWAIA, B. **Introdução: exclusão ou inclusão perversa?** In: _____ (org.) As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 7-13.

SILVA, Otto. M. **A Epopéia Ignorada, a Pessoa Deficiente na História do Mundo de Ontem e de Hoje**. São Paulo: Cedas. 1987.

SILVA, K. F. W.; MACIEL, R. V. M. **Inclusão escolar e a necessidade de serviços de apoio: como fazer?** Revista do Centro de Educação Santa Maria, Santa Maria, n.26, 2005.

Souza, M. T. C. C. **Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas: um olhar piagetiano**. Boletim de Psicologia, 2005.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Leitura do professor, leitura do aluno: processos de formação continuada**. UNESP – Presidente Prudente. Disponível em: <www.unesp.br>. Acesso em 07 nov. 2016.

TATAR, Maria. **Contos de Fadas**: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

UNESCO. Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE). **Declaração de Salamanca de princípios, política e prática para as necessidades educativas especiais**. Brasília: CORDE, 1994.

WERNECK, C. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade Inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA 1997.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

ZIPES, Jack. F. T. **and the Art of Subversion: The Classical Genre for Children and the Process of Civilization**. Routledge. New York, 2006.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. rev., atual., e ampl. São Paulo: Global, 2003

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 8. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

APÊNDICE

Apêndice A – Questionário da Pesquisa



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

Este questionário tem o objetivo de verificar a metodologia utilizados pelos professores para falar de inclusão para as crianças na Educação Infantil.

PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Escola _____
Formação: () Cursando Graduação () Graduado () Pós-Graduado () Outros
Curso: _____
Anos na docência: _____
Sexo: () Masculino () Feminino
Idade: () 18 – 25 anos () 26 – 30anos () 31 – 36 anos () 37 - 42 anos () acima de 43 anos

Questões estruturadas

1. Você trabalha com conceito de Inclusão na sala de aula com os alunos?

() Sim () Não

2. De que forma é trabalhado esse conceito?

3. Em relação aos contos de fadas eles são trabalhados ou já foram aplicados como metodologia no contexto escolar?. Sim () Não()

4. Qual sua concepção em relação a adaptação de contos de fadas na qual os personagens principais possuem algum tipo de deficiência.

5.No seu ponto de vista qual o papel da leitura de contos de fadas para a criança no que diz respeito á compreensão de mundo com o qual ela precisa aprender a lidar.

6. Qual sua opinião acerca do incentivo ao hábito de ler ?

7. Que métodos são utilizados para se trabalhar o incentivo a leitura?

SANTOS, Flávia Gelvana Brandão dos.

O USO DOS CONTOS DE FADAS ADAPTADOS COMO ESTRATÉGIA METODOLOGICA PARA INCLUSÃO ESCOLAR: Concepção dos professores de dois Centros de Educação Infantil de Itaituba – PA. Flávia Gelvana Brandão dos Santos. Itaituba: FAI, 2017.

66 f.

Orientadora: Maria Danielle Lobato Paes

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, 2017.

1. Contos de Fadas. 2. Percepção de Professores. I. Paes, Maria Danielle Lobato. II Faculdade de Itaituba. Itaituba BR- PA, 2017.